

SUSSURROS DO HORIZONTE

ILUSTRAÇÕES
JOÃO GABRIEL
P. GOMES



SUSSURROS DO HORIZONTE



SUSSURROS DO HORIZONTE

ORGANIZAÇÃO
LETÍCIA SANTANA GOMES

ILUSTRAÇÕES
JOÃO GABRIEL P. GOMES

Descubra:



às professoras
Emília Mendes e Sônia Queiroz,
por abrirem os nossos horizontes.

© **Labed**

© **João Gabriel P. Gomes**

Escrita criativa | Preparação de textos

Alicia Luiza Santos Ferreira

Amanda Carvalho Costa

Ana Carolina Guedes Francisco

Carla Vitoria Teixeira de Souza

Erick Robson Ferreira Silva

Izabelly Silva Duque

Jennifer Evellyn Soares de Oliveira Maximo

João Gabriel Pereira Gomes

Letícia de Oliveira Abreu

Luana Malachias Rocha

Marina Leroy Alves Matos

Sara Mesquita de Rezende

Sofia Jardim Álvares da Silva Campos

Ilustrações

João Gabriel P. Gomes

Design de capa

Ana Carolina Guedes Francisco

João Gabriel P. Gomes

Produção editorial

Ana Carolina Guedes Francisco

Booktrailer

Ana Carolina Guedes Francisco

Vitor Rodrigues de Souza Pereira

Revisão crítica

Profa. Dra. Maria Carolina Fenati

Revisão de provas

Fellipe Carneiro

Coordenação editorial

Profa. Dra. Letícia Santana Gomes

ISBN

Digital: 978-85-7758-387-4

Impresso: 978-85-7758-386-7

Projeto editorial desenvolvido no primeiro semestre de 2025, na disciplina *Oficina de edição: prática de edição de textos factuais, ficcionais e literários*, ofertada para o curso de Letras — Edição, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

SUMÁRIO

Apresentação	9
A Noiva do Rola-Moça	13
Avantesma da Lagoinha	21
Capeta do Vilarinho	29
Cavaleiro sem Cabeça	37
Desgraça	45
Escola Caveirinha	53
Fantasma do Bairro da Serra	61
Lobisomem de Contagem	69
Loira do Bonfim	75
Maria Papuda	83
Moça Fantasma da Savassi	91
O Vigia do Acaiaca	99
UFMG e a Escada de Lugar Nenhum	111
Testemunhas	119

APRESENTAÇÃO

Desde o primeiro encontro com a turma de *Oficina de edição: prática de edição de textos factuais, ficcionais e literários*, ofertada para o curso de Letras — Edição, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no primeiro semestre de 2025, os/as estudantes demonstraram entusiasmo com as possibilidades que a disciplina oferece. Estivemos envolvidos/as com o estudo de textos com valor literário, sobretudo aqueles com estatuto factual ou ficcional, e principalmente a prática editorial. Intercalamos as aulas entre abordagens teóricas e laboratório de edição, nos quais todos/as atuaram como agentes da cadeia editorial, propondo o que seria publicado, qual original com valor literário iríamos propor para "ganhar mundo".

No encontro seguinte, já escutei: “professora, eu tive uma ideia!”. Não demorou para que toda a turma concordasse com a sugestão — a mesmíssima, sem que houvesse qualquer combinação prévia — proposta pelas alunas Ana Carolina Guedes e Amanda Carvalho. Por que não publicar sobre as lendas da Grande Belo Horizonte? Foi uma unanimidade. E mais do que isso: foi um acontecimento. Cada aula passou

a ser um verdadeiro evento, uma roda animada de invenções criativas e macabras. O entusiasmo tomou forma e se materializou neste livro, que é registro e reinvenção, documento e suposições. Aqui, as lendas ganham corpo pelas mãos de estudantes de edição, futuros profissionais do livro, que ousaram se perguntar: e se a cidade também fosse feita de palavras, assombros e sussurros?

As ilustrações, elaboradas pelo estudante João Gabriel Pereira Gomes, deram o tom primoroso ao nosso livro. Com lápis, caneta nanquim, empenho e criatividade, João conseguiu transformar as lendas em ilustrações que impressionam pela precisão entre o real e o imaginado, entre o concreto da cidade e o sussurro do fantástico. São imagens que são também narrativas próprias ao livro, que se tornaram essenciais para a experiência completa do/a leitor/a.

Este livro também é gesto de escuta, de invenção e de trabalho coletivo. Esses alunos/as, ávidos por verem materializadas essas lendas, deixam as marcas de uma cidade que se constrói no mistério, na imaginação e na memória popular.

Sussurros do horizonte é produto da nossa oficina de edição, resultado de um processo editorial praticado como arte e ofício, com doses de misticismo e experiências paranormais — 13 lendas, finalizadas em uma sexta-feira 13, com direito a morcego visitando nossas aulas.

Desejamos uma boa leitura e precisamos revelar: muito cuidado por onde passa nessa Grande

Belo Horizonte. Nunca se sabe quando uma lenda
pode atravessar seu caminho.

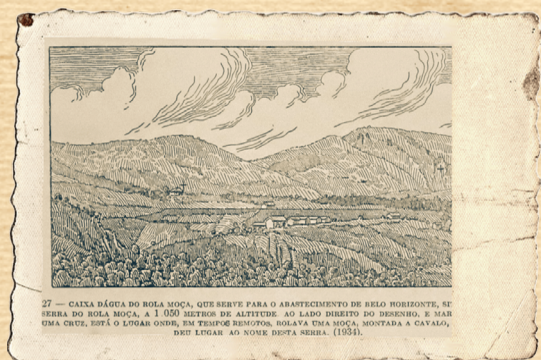
Letícia Santana Gomes
professora da turma criativa





A NOIVA DO ROLA-MOÇA

Região: Ibirité, Nova Lima e
Brumadinho



Na região da Serra do Rola-Moça, em Minas Gerais, circula desde o Período Colonial a história de um casal que, logo após o casamento, desapareceu durante a travessia de uma serra. A noiva teria caído em uma ribanceira e, tomado pelo desespero, o noivo também desapareceu. A narrativa popular, que chegou a ser mencionada por Mário de Andrade, em uma longa suíte do *Noturno de Belo Horizonte* (1924), no livro *Clã do Jabuti* (1927), segue viva entre os moradores da região. Além da lenda, ainda que nunca tenham sido confirmadas, a Serra do Rola-Moça abriga ruínas de outras histórias, com origem incerta: antigas casas de fundição, fortes ou senzalas. Atualmente, a Serra enfrenta intensa destruição ambiental com o avanço da mineração e do garimpo que tem causado desmatamento, destruição de nascentes e perda de biodiversidade. Mesmo assim, a história da moça que rolou pelo morro segue sendo contada, preservando parte da memória cultural da região.



A ÚLTIMA TRAVESSIA

O vento soprava forte no topo do morro. A moça, envolta em seu vestido branco de noiva, agarrava-se com firmeza ao cavalo. Ela sentia os ossos tremerem mais de ansiedade do que de frio: a travessia pela serra seria longa, mas a promessa de uma nova vida com o homem que amava aquecia seu coração.

— Já tamo quase no fim, benzinho. Só falta cruzá o morro — disse o noivo, voltando o rosto para ela, com um sorriso breve e confiante.

O casal tinha partido ao amanhecer do dia anterior, vindos de uma vilazinha pequena do outro lado da serra. A cerimônia ocorrera ao pé da montanha, singela e tocante, como costumavam ser as festas por ali. O altar fora improvisado sob um jacarandá antigo, retorcido pelo vento, e as palavras do velho padre, quase sussurradas, se perdiam na ventania.

O vestido da noiva era emprestado, bordado por mãos amigas, passado entre as mulheres do vilarejo como uma herança de afeto. Ela o vestira com cuidado reverente, como quem carrega uma memória viva. O noivo trajava o paletó gasto do pai, com as mangas ligeiramente curtas, e com uma orquídea fresca colhida no campo presa à lapela. Na festa, dançaram de pés descalços, riram entre os amigos e brindaram com cachaça caseira à sombra do entardecer. Não tinham joias, não havia banquete, apenas os braços um do outro.

Ao fundo, a serra se estendia imponente, recoberta por um verde profundo, quase azul em alguns trechos. Era ela que guardava suas histórias, suas infâncias, suas promessas. E era por ela que agora passariam, juntos, como marido e mulher.

Com o céu avermelhando às suas costas, seguiram rumo à casa, uma estrutura de pau-a-pique, erguida com suor e pelas mãos da própria família. As nuvens se acumulavam no alto, pesadas, ameaçando despencar sobre a serra. Era como se a paisagem apresentasse o que os aguardava adiante.

A subida era íngreme, e o caminho estreito serpenteava por entre pedras e penhascos, a vegetação rareava à medida que subiam. Gramíneas e canelas-de-ema se agarravam às pedras, e pequenas flores amarelas nasciam solitárias nas frestas do chão. O som dos cascos dos cavalos se perdiam nas encostas, misturados ao sussurro do vento.

— Tá tudo bem aí atrás? — ele perguntou, olhando de relance.

— Estou, só cansada... — respondeu ela, ofegante, ainda que sorrindo. — Nunca imaginei que seria tão custoso subir a serra toda empacotada desse jeito...

— Mas é só até passá o topo. Lá do alto dá pra avistá o telhadim da nossa casinha.

Em um trecho onde o abismo se abria logo ao lado da trilha, o cavalo da noiva hesitou.

Um movimento súbito, talvez uma pedra solta, talvez um sopro mais forte do vento, fez com que o animal perdesse o equilíbrio. O corpo dela tombou com o susto e, antes que o noivo pudesse reagir, a

moça já rolava morro abaixo, como um vulto branco engolido pela ribanceira.

O tempo pareceu suspenso.

Ele desceu do cavalo em um pulo, correu até a beira do penhasco, chamou pelo nome dela... uma, duas, três vezes. *Nada*.

Apenas o eco de sua própria voz devolvido pela serra.

Sem pensar, ele montou novamente e, com um grito de desespero, lançou-se morro abaixo. O cavalo relinchou alto antes de desaparecer na curva do precipício.

No vilarejo, a ausência dos recém-casados logo se transformou em silêncio inquieto. Subiram a serra em grupos, com fogaréus nas mãos e olhos ansiosos. Vasculharam trilhas, escorregaram por encostas, chamaram seus nomes com esperança, como quem tenta acordar de um sonho, com medo, exaustos.

Encontraram, dias depois, pedaços do vestido da moça presos entre pedras e galhos secos. O tecido, rasgado e sujo de terra, ainda balançava ao vento, como uma dança. Não havia nem corpo, nem cavalo. Apenas um rastro interrompido no meio da descida.

Do noivo, não se encontrou nada. Nenhuma pista. Nenhum som. Nenhum sinal. Alguns diziam que havia partido atrás dela, e que juntos haviam desaparecido nas dobras do morro. Outros que a serra os guardara, como quem protege em silêncio aquilo que é mais bonito do que pode ser explicado.

Com o tempo, a serra foi mudando de cor e de cheiro. As trilhas, que antes só pés sabiam trilhar,

viraram estradas. O mato alto, os ninhos ocultos, as flores escondidas nas fendas... tudo foi empurrado para os cantos, como sobra de um tempo que já não valia tanto. Ouviu-se o som do ferro abrindo a terra, e a terra soltando um suspiro antigo.

Há quem diga que, quando o vento sopra forte pelas cristas da serra, ainda se ouve um sussurro, um chamado vago, perdido entre o eco das pedras. Como se o amor dos dois recém-casados vagueasse por ali, buscando reencontro. Como um lamento. Como uma ausência. Como uma lembrança que nem a destruição conseguiu apagar do imaginário das pessoas, dos bichos, do vento e da serra.



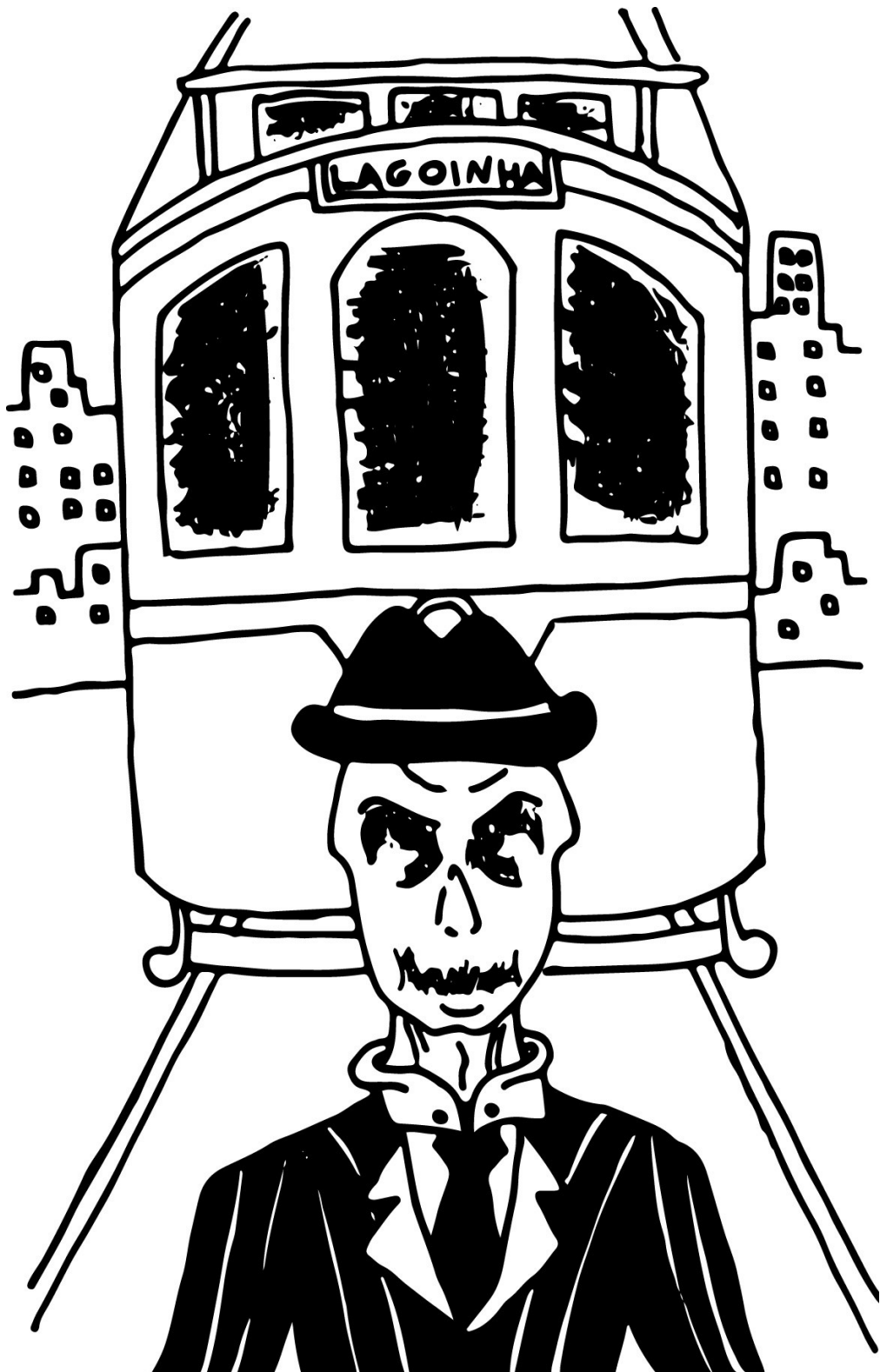


AVANTESMA DA LAGOINHA

Região: Noroeste



Na década de quarenta, quando os bondes eram o meio de transporte mais moderno da cidade de Belo Horizonte, havia uma linha que passava pelo bairro da Lagoinha, uma região composta por morros íngremes, trilhos estreitos e muitas curvas perigosas. Nessa época, surgiu perto dos trilhos uma figura assombrada, um senhor vestido com um terno preto, que aparecia sentado nas curvas e nas descidas dos bondes. Esse era descrito como uma figura disforme, que exalava cheiro de enxofre e ressoava um choro convulsivo capaz de despertar o terror no coração dos maquinistas da região. Essa figura tão intrigante foi registrada por escritores como Carlos Drummond de Andrade, na poesia 'Dois Fantasmas', publicada, em 1986, no livro *Boitempo*.



Joaquim nasceu nas periferias de Belo Horizonte e viu o crescimento da cidade. Acompanhava sua mãe nas missas das igrejas da Lagoinha e ela sempre fazia uma oração quando o filho saía para a escola. Ela costumava dizer para ele tomar cuidado com *a mal* que ficava à espreita, havia histórias de assombrações que rodeavam a cidade. Ele sempre foi cético, assim como seu pai, que não acreditava em coisas que não podia ver. Quando adulto, se casou. Ele encontrara como parceira uma mulher tão religiosa quanto sua falecida mãe, que carregava as mesmas crenças em fantasmas e assombrações que rodeavam a noite.

Uma noite, em que trabalhou até tarde em seu pequeno comércio, precisava ir para casa se encontrar com sua mulher e sua filha que acabara de nascer. Ele caminhava apressado para pegar o último bonde da noite. No horizonte, os faróis luminosos quebravam a escuridão da noite, Joaquim pulou no bonde, inclinou-se em direção ao cobrador para furar seu bilhete e sentou-se para recuperar o fôlego. Estava receoso de ir para casa tão tarde assim, sua mulher tivera um mal pressentimento de manhã devido aos rumores sobre a linha de bonde da Lagoinha. O número de acidentes vinha aumentando naquela região e ainda era uma sexta-feira 13. Mesmo sendo descrente, as superstições de sua esposa começavam a levantar sua preocupação.

Observando em busca de algum perigo oculto, ele analisou quem estava ao seu redor: dois homens sentavam-se à sua frente com roupas surradas de trabalho, um deles usando um uniforme azul e o outro um uniforme amarelo. O cobrador se mantinha de pé com o furador na mão e o motorista guiava o bonde pelos trilhos em direção ao centro da cidade. Joaquim, como forma de distração, começou a escutar a conversa dos dois trabalhadores.

— Você ficou sabendo dos acidentes que têm acontecido? — disse o homem de azul.

— Vira essa boca para lá, vai atrair o *mal* para nós — respondeu o de amarelo, com receio enquanto fazia o sinal da cruz. — Deus me livre!

— Parece que tem um trem ruim, será que é mesmo verdade? — o de azul repetiu com certa descrença.

— Já falei para parar com esse assunto, isso pode atrair o diabo para a gente — o outro operário repetiu com firmeza.

— Desculpa, mas o que você disse? — Joaquim lembrou do pressentimento da esposa de manhã e interferiu na conversa.

— Dizem que uma figura assombrosa tem aparecido entre os trilhos e feito os bondes descarriarem na região da Lagoinha — o operário de azul repetiu sua história.

— Acidentes com bondes podem ocorrer, isso não quer dizer que é obra de um ser sobrenatural — Joaquim falou de forma cética.

— A descrição me parece bem verídica, meu jovem — o operário de azul afirmou. — Um dos poucos sobreviventes dos últimos acidentes relatou que um homem de terno preto aparece sentado no meio dos trilhos, fazendo barulhos estranhos e exalando um cheiro de enxofre que vem diretamente do inferno.

— Está repreendido, isso não passa de um rumor de mau gosto — o homem de amarelo voltou à sua tentativa de interferir no assunto.

— Concordo — disse o cobrador interferindo na conversa dos homens. — Eu mesmo trabalho aqui há dez anos e posso afirmar que o único perigo da noite são ladrões e trombadinhas.

— Eu não duvido de nada — disse o maquinista. — A noite é quando o mal espreita e tudo é possível, já presenciei de um tudo enquanto corria por esses trilhos, mulheres fantasmas, assombrações e espírito de crianças.

Todos continuaram em silêncio até que chegaram no bairro da Lagoinha. De repente, ao se aproximarem da maior curva, surgiu no ar um cheiro de enxofre empestecendo todo o bonde. Joaquim se inclinou e colocou sua cabeça para fora, procurando respirar ar fresco. Não muito depois, ele se assustou com um grito de terror vindo do maquinista.

— DESGRAÇA!

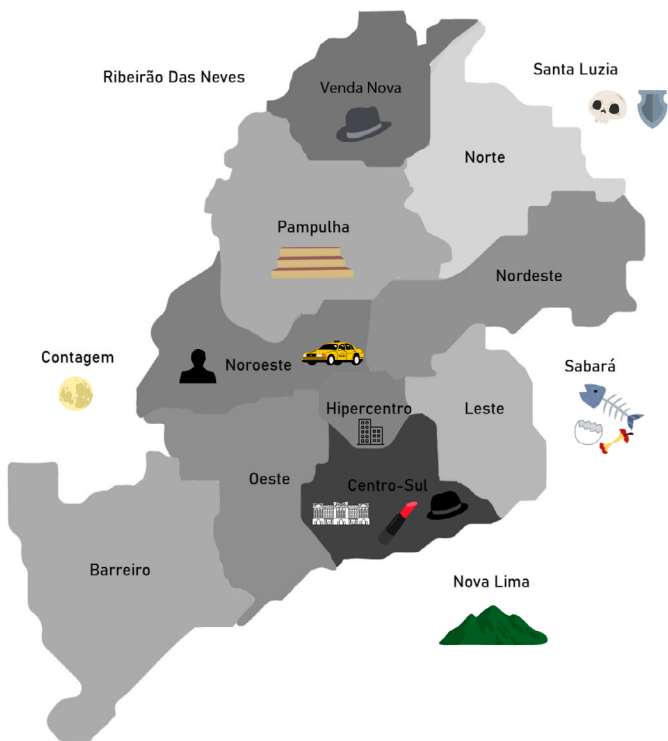
Ao olhar para os trilhos, Joaquim viu um homem vestindo um terno preto, rindo de um jeito distorcido, com uma voz demoníaca. O maquinista acionou os freios, tentando parar a condução antes que a figura

fizesse alguma coisa, mas ele só conseguiu que o bonde perdesse o controle, fazendo com que ele descarrilhasse e, após passar por uma curva íngreme, o bonde tombou para o lado.

Joaquim abriu os olhos e se viu caído no chão, coberto de sangue. Nos trilhos à sua frente, com uma mistura de riso e choro, o homem de terno preto estava se desfazendo no ar — ele não tinha rosto, não parecia ser deste mundo. O cheiro de enxofre se misturava com o cheiro de sangue. Joaquim só conseguia pensar em sua família, sua filha e sua esposa que esperavam a sua chegada. As duas foram seus últimos pensamentos enquanto ele fechava os olhos para sempre.

Do acidente de 13 de fevereiro do ano de 1948, só existiu um sobrevivente: um operário de roupas amarelas que pulou do bonde antes dele descarrilhar. Em seu relato, ele diz que o avantesma apareceu entre os trilhos trazendo um cheiro de enxofre e proferindo um grito bizarro, uma mistura de choro e risadas.

Dizem que essa figura surgiu da alma de um pobre senhor atropelado por um bonde quando Belo Horizonte estava em processo de urbanização, quando os pobres e imigrantes que moravam no bairro sofreram com a desocupação de suas casas para que os trilhos do bonde pudessem correr. Mesmo após anos de sua primeira aparição, existem relatos de que o avantesma ainda perambula pela madrugada do bairro, agora não mais descarrilhando bondes e sim assustando os motoristas de táxi e ônibus que fazem rota pelo bairro.





CAPETA DO VILARINHO

Região: Venda Nova



Nos anos 1980, as quadras do Vilarinho, localizadas na região de Venda Nova, ficaram famosas pelos bailes funk que agitavam a noite dos finais de semana. Era 31 de outubro de 1987. Encorajada pela curiosidade e pelo espírito de rebeldia, uma jovem decide sair escondida da mãe para assistir ao concurso de dança que aconteceria naquela noite. Muitos já ouviram dizer que, em noites de Dia das Bruxas, o véu que separa os mundos se torna mais fino. Mas poucos levam isso a sério. O que fazer quando uma figura vinda do próprio inferno te convida para dançar com ela? E se essa figura estiver na forma do homem mais bonito que já se viu? Naquela noite, em meio às batidas de funk e às luzes piscantes, a jovem descobriu que algumas danças cobram um preço e que certos passos não têm volta.



O ÚLTIMO BAILE

Era 31 de outubro de 1987. Os jovens da região de Venda Nova estavam em polvorosa com a festa que aconteceria àquela noite. O Chico da quadra havia anunciado um concurso de dança e ninguém queria perder. Eu nunca tinha tido coragem de ir a uma festa na quadra do Vilarinho. Minhas amigas, que já haviam ido muitas vezes, tentavam me convencer, mesmo sabendo que minha mãe me proibia. Só que dessa vez era diferente: há dois dias eu tinha completado dezoito anos, finalmente eu era maior de idade. Liguei para minhas amigas, Camila e Marina, e combinamos de ir. Inventei uma desculpa para mamãe e, no fim, deu tudo certo.

— Nuuu, isso aqui tá lotado! É sempre esse bolô de gente? — perguntei para as meninas enquanto olhava abismada para a multidão que nos cercava.

— É sim! E hoje, com o concurso, tá pior ainda — Mari me respondeu, já acostumada com aquela agitação.

Pouco a pouco comecei a me sentir mais à vontade. De repente, resolvi aproveitar, me joguei na pista de dança e perdi a noção do tempo. Até que senti o ambiente mudar, e foi quando me deparei com ele. Na porta da quadra, estava o homem mais bonito que eu já havia visto. Por onde ele passava as cabeças viravam para acompanhar seu andar confiante, quase arrogante. Trajado com roupas sociais e com uma

cartola, ele se destacava em meio a multidão e as moças se atiravam para dançar com ele.

O relógio havia batido meia-noite quando o DJ anunciou que o concurso de dança iria começar. Abrimos espaço no meio da quadra para os competidores serem apresentados. Entre eles, o favorito da noite, Ricardo, e o notável desconhecido, Alex. Esse último se apresentou como quem tinha certeza da vitória. Ele estampava um rosto convencido, capaz de superar, sozinho, todos os competidores. Porém, ele não contava que a segunda prova seria em dupla. Ricardo, imediatamente, chamou sua namorada, Raissa; os demais competidores também já estavam preparados, exceto Alex, que teria de buscar uma parceira entre as moças. Foi então que uma comoção teve início, “me escolhe” daqui, “eu sou a melhor dançarina” de lá. Voltei meu olhar para Alex, curiosa sobre quem ele escolheria, e o vi caminhando em minha direção.

— Me daria o prazer desta dança, senhorita?

Em um primeiro momento, estranhei o pedido formal e o curioso brilho avermelhado emitido por seus olhos ao pronunciar a palavra “prazer”. Estava claro que aquele sujeito não tinha nada de comum, então, aceitei sua mão que estava estendida, mesmo sob o olhar mortal de suas admiradoras.

Durante a primeira etapa, fiquei maravilhada com o quão bem ele sabia dançar, cada passo sincronizado com a batida, a música parecia fluir através dele. A competição começava a ficar mais acirrada e Ricardo se mostrava um competidor à

altura. Chegada a segunda prova, eu estava nervosa, mesmo assim dei tudo de mim. Alex era um ótimo parceiro, sabia conduzir bem a dança e tinha uma desenvoltura de tirar o fôlego. Pisquei por um instante e a música havia acabado; como éramos os últimos, o vencedor seria anunciado.

— E o vencedor do 1º Concurso de Dança da Quadra do Vilarinho é... — Chico, dono da quadra, fez um suspense antes de anunciar. Naquele instante era possível ouvir até um alfinete caindo no chão, ninguém sequer respirava — Ricardo!

Todos começaram a aplaudir e parabenizar o vencedor que estava radiante. Ricardo era a alma daquele lugar. Pelo o que eu tinha ouvido falar, ele nunca faltava em nenhum baile, de vez em quando até tocava como DJ, merecia esse prêmio. O segundo lugar foi anunciado e para minha surpresa havia sido nós, eu e o Alex. No momento em que olhei para ele para parabenizá-lo, seus olhos pareciam em chamas, aquele brilho avermelhado havia voltado e eu quase podia ver fumaça saindo de suas narinas.

— Eu sei que você queria ter ganhado, mas a gente ficou em segundo, nós arrasamos! Se vale de alguma coisa, eu acho que esse prêmio deveria ser seu, nunca vi alguém dançar tão bem! — tentei consolá-lo.

— É claro que eu deveria ter ganhado! Se não fosse por você, sua imprestável! Mais dura que um poste! — Alex teve a coragem de me insultar e ainda querer crescer para cima de mim, eu que não ia deixar por menos:

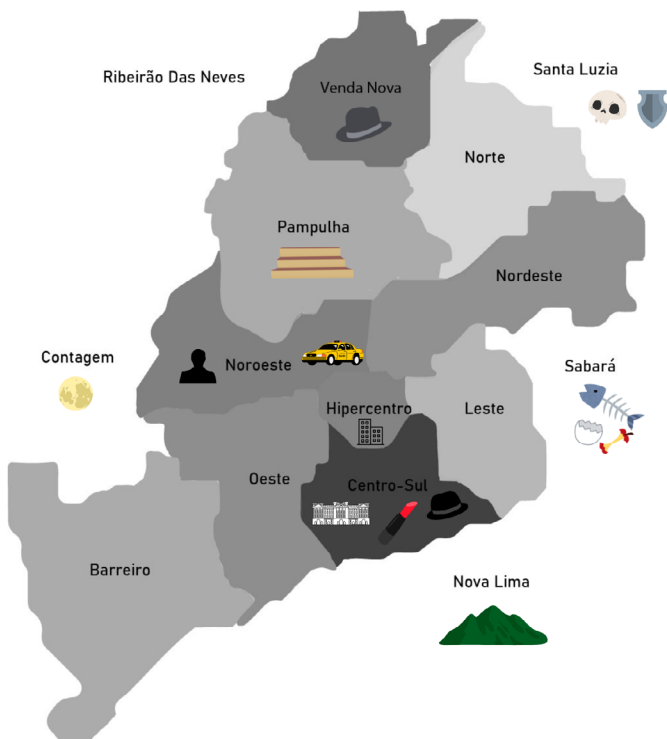
— Cê tá doido, sô! Acha que pode falar assim comigo? Arreda pra lá!

No que aponteí para ele se afastar, minha mão bateu em sua cartola, que saiu de sua cabeça. Onde deveria haver apenas cabelo, revelaram-se dois chifres. Eu gritei desesperada. Ao olhar para baixo, procurando pela cartola, na tentativa de entender tudo aquilo, no lugar de pés, vi duas patas de bode que me fizeram gritar ainda mais alto. Alex, vendo que havia sido descoberto, se pôs a correr. Os meninos, preocupados com meus gritos, começaram a persegui-lo pela multidão.

Minutos depois, um Ricardo ofegante voltou dizendo que não haviam conseguido capturá-lo:

— Nó, Ju, desculpa aí! Mas o cara saiu vazado! A gente seguiu ele até o banheiro, mas quando entramo, nada, o filho da mãe sumiu, só tava um cheirão de enxofre, um trem esquisito pra caramba! Mas quê que aconteceu pra ocê gritar daquele jeito?

Contei tudo que havia acontecido para eles. A partir daquele dia o Capeta do Vilarinho se tornou uma lenda. Vários jovens passaram a frequentar a quadra pensando que um dia o veriam. Já eu, nunca mais coloquei meus pés lá. Na verdade, nunca mais fui em nenhum baile funk, com medo de encontrá-lo de novo. Depois do susto, passei a ouvir mais minha mãe. Para muitos uma estratégia de marketing, uma história besta, mas eu sei o que eu vi e vivi. O capeta é real e que Deus nos ajude, caso ele resolva aparecer para mais alguém.





CAVALEIRO SEM CABEÇA

Região: Centro histórico
de Santa Luzia



Toda Quinta-feira Santa, o cavaleiro sem cabeça deixa a Igreja Matriz e cavalga pelas ruas de Santa Luzia, espalhando medo entre as mulheres da cidade. Dizem que sua alma amaldiçoada surge com a soltura dos demônios, e a única forma de estar em segurança é se trancar longe de sua ronda sombria.



QUINTA-FEIRA SANTA

Era começo da noite quando Isabel deixou o ateliê da tia e começou a descer pela rua de pedra, os ombros cobertos por um xale de lã fina. O ar estava estranho — abafado demais para abril — e havia uma pressa silenciosa no movimento da cidade. As janelas se fechavam uma a uma, como olhos que se rendem ao sono, mas ela sabia que ninguém dormiria cedo naquela semana.

Isabel mantinha o passo firme, sentindo o peso de cada olhar atravessado. À porta das casas, velas começavam a ser colocadas com cuidado: uma em cada canto da soleira, algumas envoltas em copos de vidro, como se o fogo precisasse ser protegido daquilo que viria. As chamas tremulavam de forma discreta, parecendo saber que seriam testemunhas silenciosas de algo que não devia ser nomeado. As mulheres, essas, sim, sabiam. Isabel cruzava com elas pelo caminho: donas de casa que trancavam os portões com pressa; meninas que cochichavam sob véus de rendas, olhando por sobre os ombros como se pudessem ver a sombra antes que ela surgisse; senhoras sentadas em bancos baixos, rezando o terço com dedos gastos, a voz num murmúrio que misturava fé e medo.

Já os homens caminhavam com desdém. Riam entre si, voltando do trabalho ou do bar, indiferentes ao cuidado que moldava cada gesto feminino. Era o descuido típico de quem nunca aprendeu a andar

com medo. Para eles, era só uma história. Uma invenção das velhas para controlar as moças.

Isabel sabia que era real. Sabia porque havia crescido ouvindo as histórias da avó, contadas em voz baixa à meia-noite, com as janelas trancadas e a lamparina apagada. Aprendera que toda Quinta-feira Santa, à mesma hora da prisão de Cristo, o inferno se mexia e o Cavaleiro surgia cavalcando em liberdade. Sem cabeça, sem rosto e com um propósito: levar embora aquelas que ousassem desafiar o ritual do medo, as que esqueciam de fechar as janelas, ou que deixavam a pele à mostra. As mulheres que confiavam em santos mudos e anjos ausentes e que ousavam querer qualquer coisa além daquilo que lhes foi destinado.

Na praça quase deserta, ela teve mais uma vez a certeza de que os homens da cidade da Santa dos Olhos não salvam ninguém. Não carregam armas para proteger, mas para condenar. Estão por perto, mas não se dispõem a socorrer. São apenas sombras bem-vestidas. Em silêncio e sem piedade.

Isabel apertou o passo. O xale escorregava pelos ombros, mas ela não parecia notar. Sentia os olhos da cidade sobre ela, alcançando sua angústia quase palpável. Ao dobrar a última esquina antes de sua casa, o silêncio caiu de um jeito estranho. Não era ausência de som, era a presença de algo que tomava o ar. O tempo estava esgotando, e nem o vento ousava soprar.

Ela chegou em casa com as mãos trêmulas. De canto de olho, via que as velas da vizinha já estavam acesas. A porta rangeu ao fechar. Três trincos, duas correntes. Como a avó ensinara. Subiu as escadas de-

vagar, como quem sobe um cadafalso. Parou diante do espelho do corredor e por um momento desejou não ver nada, nem a si mesma. Mas lá estava ela: mulher, sozinha, viva. Tentando conter o pavor que se arrastava pela pele, sentou-se à beira da cama e começou a remendar com pressa as orações perdidas em sua memória. Lá fora, a cidade mergulhava na escuridão. E então, ela ouviu. Primeiro o estalo de um chicote, seco como madeira rachando. Depois o som dos cascos, cadenciados e lentos, como se marchassem em sua direção. O chão vibrava e o vidro da janela, mesmo fechado, parecia chorar com o som.

O corpo de Isabel queria se esconder, como sempre fez. Mas alguma coisa dentro dela se recusava, era como uma fúria alastrante que negava esse movimento de redenção. No criado-mudo, uma medalha de São Jorge parecia observá-la. Coragem. Fé. Justiça. Resistência. Pela primeira vez, ela entendia: aquele medo herdado nunca fora seu.

Levantou-se da cama de supetão e seguiu em direção à porta. A cada passo, o som dos cascos ficava mais próximo, como se o Cavaleiro a rodeasse, testando a solidez do medo que por tanto tempo fizera morada ali. No corredor, parou diante do armário onde a avó guardava os panos de renda e os remédios de ervas. Abriu a porta com mãos trêmulas e pegou a fita escarlata que usava na infância. Amarrou-a no pulso, como um lembrete de que não havia mais o que temer. Desceu as escadas devagar, mas sem hesitar. A cada tranco da madeira sob os pés, o som dos

cascos parecia responder, mais intenso, mais perto. O chicote estalou de novo e o espelho do corredor trincou, mas Isabel sequer piscou.

Na porta, suas mãos buscaram as correntes. As palavras da avó sussurravam dentro dela: “Três trincos, duas correntes. Tranque tudo. Sempre.” Mas Isabel já não queria mais ser salva. Soltou a primeira corrente. Depois a segunda. O último trinco gemeu ao ceder, como se a própria casa implorasse para que ela voltasse atrás. Ela se manteve firme, sem ao menos olhar para trás. Coragem. Fé. Justiça. Resistência.

Do lado de fora, a rua estava vazia. A lua se escondia atrás das nuvens, como o restante das mulheres da cidade. Mas ela via o vulto montado emergindo da névoa. Um corpo sem cabeça. Um cavalo negro como noite sem estrela. Isabel deu um passo à frente. O Cavaleiro parou. Nenhum grito, nenhuma súplica. Apenas a fita vermelha dançando ao vento.





DESGRAÇA

Região: Sabará



Em uma cidade onde superstição e medo se misturam, quem ousa pronunciar o nome “Desgraça” enfrenta consequências aterradoras. Sombras ganham forma, vozes sussurram e o mal atende ao chamado. Só existe uma regra: nunca chame o nome dela. E, caso alguém se atreva, deverá arcar com as consequências. Lembre-se: palavras têm poder, principalmente quando existe algo à espreita, pronto para aterrorizar.



O NOME DA PELADA

A história que hoje vou contar vem de todo lugar. Ouvi de uma tia, ouvi da vovó. Ela é triste, ela é má, procura por almas e por corações tristes e raivosos. Quem a chama, ela atende. Dizia dona Fátima, uma senhorinha que gosta de pescar, ver novela e fumar cigarro de palha:

— Chamar esse nome atrai coisa ruim, essa dona maldita aí com nome de pelada. João chama. Quando bebe, fica doido das ideias e chama o nome dela. Ele sabe que ela vem e, ainda assim, chama o nome dela.

Desde muito pequenos, todos já ouviram alguém dizer que não se pode falar o nome “Desgraça”. Mas por quê? Esse nome deriva da junção das palavras “sem” e “graça”. Significa dizer algo sem luz, sem graça e ruim. Algo sem Deus.

Seu João tinha essa mania de beber muito e se irritar com qualquer coisa. Era nessas crises de raiva que ele chamava por ela, aos gritos, esbravejando seu nome. E dona Fátima sempre o lembrava do quão perigoso era chamá-la. Até que um dia ela resolveu aparecer para ele. Após o encontro, João descreveu a aparição como várias sombras negras se mexendo ao seu redor. Ele ainda se lembra daquela voz tenebrosa em sua mente. Com uma risada desesperadora, ela gritava chamando-o:

— Você não me chamou? Estou aqui. Venha. Venha comigo.

João sentia uma energia pesada. O ar ao seu redor estava frio, o horror e o medo cresciam em seu peito. Ele não conseguia gritar, tampouco pedir socorro. Chorou, chorou baixinho, suplicando para que ela o deixasse em paz.

Quando amanheceu, João ainda estava no mesmo lugar, deitado, abraçado ao próprio corpo, pedindo para que Desgraça o deixasse em paz. Até hoje, não se sabe se a dona Desgraça realmente veio visitá-lo ou se foi apenas um delírio de um homem bêbado. Desde aquela noite, esse nome nunca mais foi pronunciado por João.

Ainda que ele não tenha mais a chamado, Maria se lembra muito bem da primeira vez que ouviu sobre aquele nome.

— Quando tinha por volta de dez anos, perguntei à mamãe por que meu tio, na casa ao lado, chamava tanto palavrão em voz alta. Ela disse que ele nunca foi respondido por esses nomes feios que chamava, mas que, caso um dia respondessem, ele iria se arrepender. Se um prato caía no chão ou uma porta batia por causa do vento, o nome dela era chamado. Até quando sentia dores fortes, a primeira coisa que fazia era chamar o nome — contou-me Maria.

Ela ainda era pequena, e uma noite, por volta das 3h da manhã, ouviu um grito estridente, seguido de um barulho de vidro caindo ao chão. E, de repente, um silêncio ensurdecedor. Maria se encolheu debaixo das cobertas com medo de ver o que havia acontecido e, por fim, adormeceu.

No dia seguinte, acordou com vozes na sala e foi até lá, escondida, para ouvir a conversa. O tio da menina contava que, na noite anterior, estava muito nervoso e começou a esbravejar o nome da Desgraça, como de costume. Ele não tinha bebido, apenas tivera um dia estressante, e aquele nome saiu de sua boca várias vezes. À noite, não foi diferente. Quando deu por si, tinha adormecido com a TV ligada. Ao acordar, tentou se levantar, mas sentiu uma corrente elétrica percorrer todo o seu corpo. O lugar ficou com um ar gélido, era como a atmosfera das histórias de terror, e ele não conseguia se mexer. Sentia algo segurando seus braços e o forçando contra o sofá.

Quando finalmente conseguiu se mover, estava completamente apavorado, escutou uma voz horripilante, como que em um sussurro, chamando-o e perguntando o que ele queria, já que o tinha ouvido chamá-la o dia inteiro.

O tio contou que se virou, dando de cara com uma imagem completamente distorcida: uma sombra que, ao mesmo tempo em que parecia uma névoa, também tinha a forma de uma pessoa, de uma mulher. O homem não conseguia nem achar palavras para descrever a coisa que estava em sua frente. De repente, ela deu um grito ensurdecedor. Ele cambaleou para trás, tropeçou em algo no chão e caiu, derrubando alguns objetos de decoração. O tio ficou ali pelo resto da noite, tremendo e rezando, pedindo proteção e perdão a Deus por ter desacreditado do poder daquela palavra.

Nesse momento, a menina entendeu que o grito que escutou à noite foi, na verdade, daquela coisa que apareceu para seu tio. Ela então sentiu algo tocar em seus ombros, e gritou de susto. Quando deu por si, todos olhavam assustados para ela, que nem havia percebido que estava chorando de medo.

As histórias que circulam com o nome dessa coisa apavorante, que assombra aqueles que dizem seu nome repetidas vezes, seguem sendo ouvidas. Todo o mal e horror ligados a ela seguem sendo contados. Não se sabe se essas histórias são apenas invenções ou acontecimentos. O que se sabe é que é melhor permanecer na ignorância do que enfrentar o horror de ser assombrado por algo tão terrível.



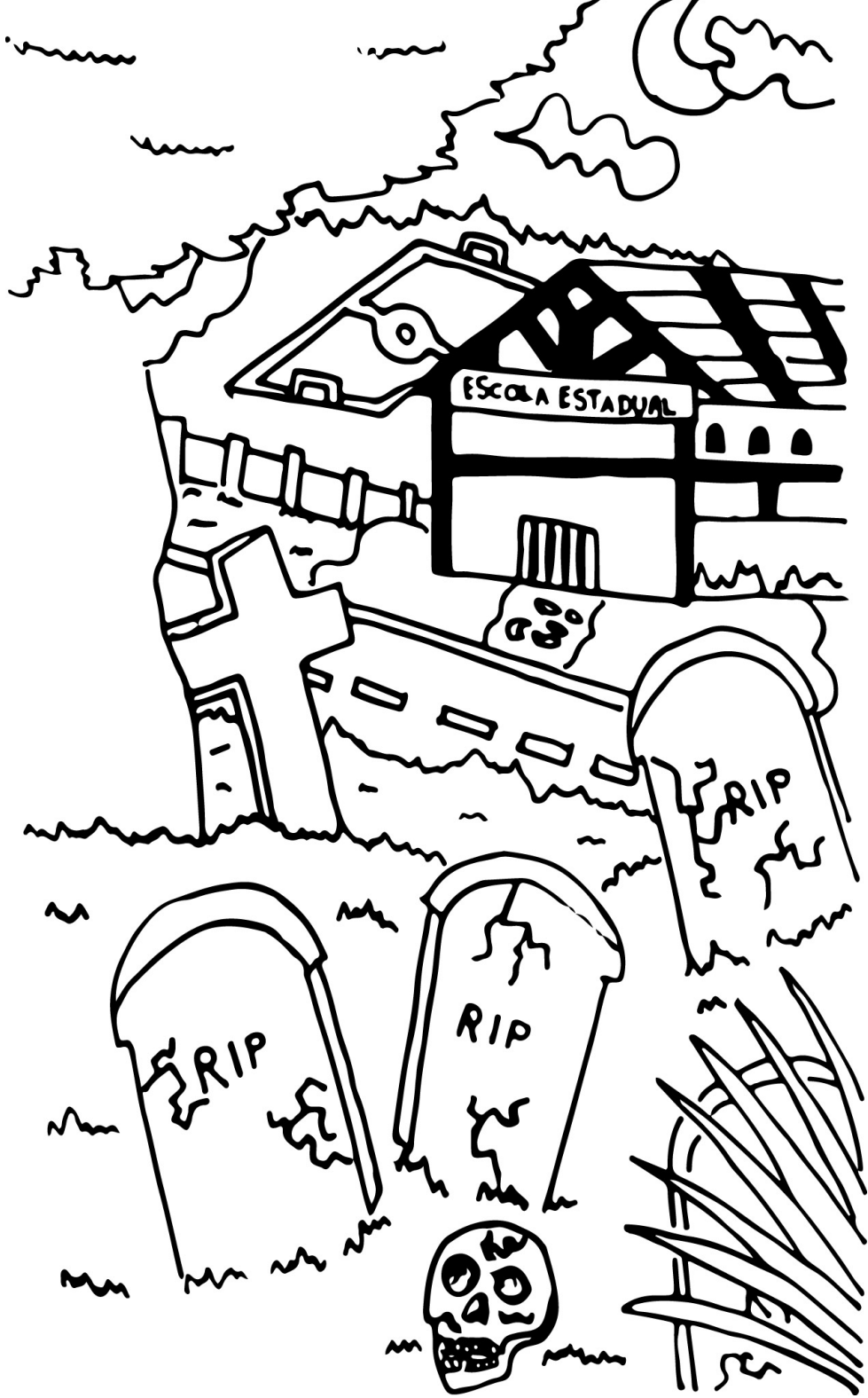


ESCOLA CAVEIRINHA

Região: Bairro São Benedito,
Santa Luzia



No bairro São Benedito, em Santa Luzia, existe uma praça com uma quadra e um campo de futebol. Quem passa por lá talvez nem imagine que antes, naquele mesmo lugar, havia um cemitério. A Escola Estadual Afonsino Altivo Diniz, conhecida como Caveirinha, foi construída ao lado desse antigo cemitério e pouco se sabe sobre ele. Não há registros na prefeitura, tudo o que existia se perdeu no incêndio de 2015. Só restaram lembranças dos moradores antigos e seus relatos sobre como quase todos os túmulos foram retirados às pressas em 1990 para a construção do complexo. Desde então, aparições paranormais e acontecimentos estranhos passaram a ocorrer no local.



ESQUECIDOS A SETE PALMOS

Eu era apenas uma criança em 1978. Me chamava Francisco, e quase todo mundo me chamava de Chico. Estudava na quarta série, junto dos meus melhores amigos: Marcelo, Clara e Rosana. Vivi dias felizes na Escola Estadual Afonsino Altivo Diniz, a famosa Caveirinha, apelidada assim por ficar ao lado de um antigo cemitério. Na época, não imaginávamos que nossos nomes também estariam escritos naquelas lápides.

De todos nós, Marcelo era o mais agitado, não parava quieto nem por um segundo. Quase sempre com uma bola de futebol debaixo do braço, ele sonhava em jogar no Atlético Mineiro. Clara era brava e mandona, quando a gente implicava com ela, cruzava os braços e fechava a cara de um jeito que fazia a gente morrer de rir. Rosana era diferente, ficava quieta, mas quando ria, era como se iluminasse a sala toda.

E tinha a professora Luciana, que não era como as outras professoras. Jovem, doce, com o cabelo castanho preso num coque bagunçado, ela deixava a gente brincar nos últimos minutos de aula, dizia que criança tinha que ser feliz mesmo. Nossas vidas eram simples, corríamos no pátio da escola, jogávamos queimada e brincávamos de pega-pega. Não tínhamos medo de nada. Morávamos perto da escola e a Professora Luciana nos levava para casa todos os dias. Nossas mães confiavam nela, afinal nada nunca havia dado errado. Até o dia 27 de abril de 1978.

Era uma quinta-feira, o sol estava forte, o céu azul sem nenhuma nuvem, a aula passou rápido. Quando o sino bateu, juntamos nossas mochilas e saímos pela rua, acompanhados da professora Luciana. Lembro da voz dela pedindo:

— Esperem! Vamos atravessar juntos.

Marcelo, teimoso do jeito que era, viu sua bola rolar pela rua e correu atrás dela. Tudo aconteceu em segundos. Um ônibus, desgovernado, desceu a rua. A professora gritou e correu para segurar o garoto, mas já era tarde demais. O veículo em alta velocidade tombou, invadindo a calçada onde estávamos. Marcelo, a professora e nós, que ainda estávamos no passeio, fomos atingidos pelo impacto, senti o chão desaparecendo debaixo de mim, ouvi o grito de Rosana ecoando. Depois, só silêncio. Morremos ali, sem a chance de voltar para casa.

Fomos enterrados no cemitério em frente da escola, debaixo de uma árvore grande, onde o vento ameaçava nunca parar. Durante algum tempo, houve luto, houve lembrança; depois fomos esquecidos. Com o passar dos anos, a cidade decidiu apagar o que restava de nós. Em 1990, arrancaram os túmulos, construíram a praça, o campo, a quadra... Dizem que removeram quase todos os ossos, menos os nossos. A árvore era antiga, de raízes grossas demais, preferiram não mexer.

Nós permanecemos ali, esmagados sob blocos de cimento e esquecimento. Não aceitaríamos ser esquecidos assim. Estávamos enterrados, mas não

descansamos! Não podíamos permitir que nos apagassem mais uma vez. Quando o cemitério virou praça, nós nos revoltamos e cada um escolheu seu jeito de não ser esquecido.

Clara achou graça em assombrar o banheiro das meninas na escola, gosta de escrever palavras tortas nos espelhos, às vezes ri baixinho, com escárnio, para quem ousa ficar lá sozinha. Marcelo, que não sabia ficar quieto nem quando vivo, tomou a quadra Cristal como seu território. À noite, os moradores escutam o som seco de bolas quicando, correndo e batendo nas traves: tum-tum, tum-tum!

Quando olham, não há ninguém jogando.

Rosana, que era a mais quieta em vida, encontrou na morte sua própria voz. Ela chora.

Chora de um jeito que arrepia, seu lamento é fino, capaz de atravessar muros e entrar pelas frestas das janelas. Ela gosta de assombrar os quartos enquanto provoca pesadelos naqueles que vivem ao redor.

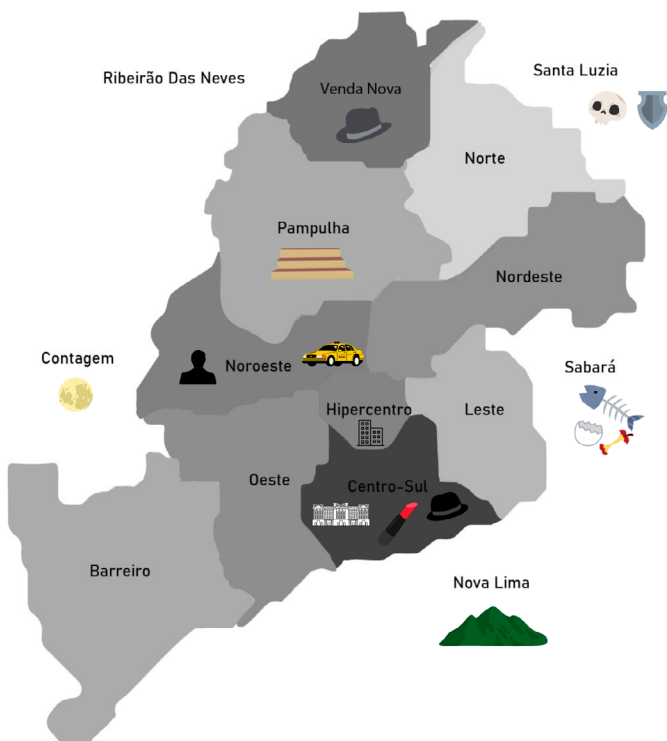
Já a professora Luciana — nossa doce professora Luciana — com seu vestido branco, sujo de sangue e poeira, caminha pelas ruas ao redor da escola, vagando. Seu vulto leve e triste flutua entre os postes apagados e quem tem coragem de a olhar por muito tempo acaba encontrando uma feição de olhos vazios, esperando algo que nunca veio, a procura de salvar seus alunos, tentando reescrever nosso final, perguntando se alguém ainda se lembra de nós.

Eu também fico na escola. Bato portas com força, mesmo quando não há vento. Arrasto passos pesados pelos corredores, para que todos escutem

e sejam avisados de que nós ainda estamos aqui. A minha vingança é deixar lembretes.

Nossas histórias começaram a circular e o medo se espalhou. Quando as pessoas tentaram se lembrar da verdade, a cidade quis apagar de vez os rastros. Em setembro de 2015, a prefeitura pegou fogo. Não foi acidente, foi queima de arquivo. Queimaram nossos registros e tentaram nos mandar de vez ao esquecimento. Fogo nenhum apaga quem somos.

Dizem que esquecer é natural, mas, esquecidos, nós não seremos. Enquanto nossos ossos estiverem esmagados sob o chão da praça e nossas histórias forem tratadas como poeira a ser varrida, continuaremos aqui. Vamos assombrar, sussurrar e gritar se for preciso. Ninguém nos silencia de novo, nada apaga o que aconteceu. No Caveirinha todo mundo aprende isso, mais cedo ou mais tarde.





FANTASMA DO BAIRRO DA SERRA

Região: Centro-Sul



Por volta de 1890, quando Belo Horizonte estava em processo de se tornar a capital de Minas Gerais, o bairro da Serra já existia. A região foi porta de entrada da cidade e era habitada por diversos trabalhadores. Nessa época, relatos sobre um homem de terno preto, chapéu-coco, segurando um guarda-chuva começaram a circular. Esse ser permanecia parado quase como uma estátua na rua, aparecendo de forma pontual à meia-noite e meia do mês de junho, na Rua do Ouro, perto da esquina da Avenida do Contorno. Alguns dizem que talvez se trate da aparição de um dos funcionários públicos que veio para a cidade e acabou falecendo. Essa figura pode ser considerada o irmão de um fantasma similar, responsável por assombrar a região da Lagoinha. Ambos foram registrados por Carlos Drummond de Andrade, na poesia 'Dois Fantasmas' publicada no livro *Boitempo* de 1986.



ENCOSTO NA ESQUINA

Sebastião voltava da festa de um dos seus sócios na Savassi — o jornal em que trabalhava estava crescendo como nunca, fazendo o registro da nova capital. Era por volta de meia-noite quando realizava a rota habitual em direção a sua casa, que ficava no fim da Rua do Ouro, depois da curva com a Rua do Chumbo. Caminhava lentamente enquanto respirava o ar fresco do mês de junho e observava os avanços do bairro. A região se tornava cada vez mais populosa e várias moradias estavam sendo finalizadas.

Quando virou a esquina, um nevoeiro começou a se formar. Era algo incomum nessa época do ano, ainda mais acompanhado de uma pequena chuva. Sebastião apressou o passo para chegar ao seu destino. Mais adiante, se deparou com uma figura misteriosa parada alguns metros a sua frente. Devido a névoa, não conseguia ver seu rosto, e casualmente o cumprimentou.

— Boa noite, senhor!

Ele continuava a caminhar, pegou seu relógio de bolso e viu que era meia-noite e meia, quando voltou sua visão para a rua, o homem ainda permanecia parado. Sebastião reparou melhor e viu que o homem vestia um terno preto, usava um chapéu-coco enquanto se apoiava no chão com um longo guarda-chuva, semelhante a uma bengala. Parecia uma estátua. Sebastião, intrigado com aquela pre-

sença, continuou seu caminho rumo ao seu destino, quando se deparou com o ser e o questionou:

— Está perdido, meu caro?

Ao chegar perto o suficiente, percebeu seu rosto pálido, olhos arregalados, pele rígida e magreza extrema, sentiu que estava encarando um defunto. Sua espinha gelou, havia percebido que se tratava de algo sobrenatural. Apressou o passo e, com o resto de coragem que lhe restava, se dispôs a correr para casa. Olhou para trás, o fantasma estava virado e lhe encarava enquanto desaparecia na névoa.

Ao chegar em casa, percebeu que suava frio e suas roupas estavam levemente molhadas pela chuva. O chuveiro teve fim assim que saiu da névoa, provavelmente criada pela assombração. Sua esposa ao notar seu rosto pálido, logo perguntou o que acontecera. Ele a contou toda a história, descrevendo com detalhes os eventos que lembrava. A mulher, observando seu semblante assustado, se dispôs a pegar um copo de água para o marido, enquanto proferia rezas de proteção. Não conseguiu dormir a noite, a insônia o fazia rolar na cama, relembrando o encontro com o morto.

Quando o dia amanheceu, Sebastião saiu para trabalhar. Ainda abalado, seguiu para a Rua do Ouro e chegou na mesma esquina do incidente daquela madrugada. O cenário parecia completamente diferente, não existia névoa e nem mesmo chuva. No trabalho, pegou seu relógio de bolso para conferir as horas e se deparou com os ponteiros parados, marcando meia-noite e meia. Sebastião encarou os ponteiros e ficou

paralisado, até que seu sócio apareceu na porta para quebrar o silêncio.

— Parece que viu um fantasma — disse José, da porta.

Com o susto, Sebastião caiu de sua cadeira.

— Eu vi mesmo um fantasma, meu caro — respondeu enquanto se levantava do chão. Contou os acontecimentos para seu sócio, que o ouviu atentamente enquanto passava a mão em sua barba.

— Sebastião, acho que você viu o fantasma que ando pesquisando. Venha até minha sala.

Ambos seguiram até a sala ao lado, onde José retirou uma pasta da gaveta de sua mesa. Dentro dela, haviam diversas fotos e depoimentos sobre um ser denominado Fantasma da Serra. Lendo os documentos, Sebastião descobriu a possível origem do fantasma: no dia 13 de setembro de 1895, um funcionário público foi encontrado morto na Rua do Ouro. Esse homem era originário da cidade de Ouro Preto e foi obrigado a se mudar para Belo Horizonte, a fim de participar da construção da cidade.

Após algum tempo de sua chegada, esse homem morreu de forma misteriosa e seu corpo foi encontrado na rua vestido com um terno preto, um chapéu-coco e segurando um longo guarda-chuva. Desde então, ele aparece à noite invocando uma neblina e uma pequena chuva, assustando os trabalhadores que andam por essas bandas. Alguns dizem que essa aparição tem um horário exato e pode refletir o momento específico de sua morte trágica, responsável por prender seu espírito amargurado na terra. Por se localizar na

antiga entrada da cidade, muitos imaginam que sua real intenção é afastar os novos moradores de Belo Horizonte, como forma de vingança para que a cidade nunca avance.

— Minha filha foi uma das vítimas dessa aparição, ela voltava para a casa à noite, acompanhada de seu noivo, quando eles cruzaram com essa aparição. Seu noivo era um homem com problemas de coração e teve um infarto com o susto que levou, desde então, ela nunca mais foi a mesma. O fantasma não atacou nenhum dos dois, mas sua manifestação repentina junto a morte de seu noivo, foram o suficiente para que ela nunca mais voltasse a ser o que era depois disso, comecei a pesquisar quem poderia ser o responsável por esse incidente e pelos acontecimentos: só poderia ser algo sobrenatural. Manoel Ferreira é o nome do nosso amigo sobrenatural, ele parece querer afastar todos que habitam a cidade, suas aparições são constantes no local e na hora exata de sua morte. Um espírito amargurado e vingativo que ficou preso na terra. Talvez perturbado por estar longe de sua terra natal.

Sebastião após o encontro com o Fantasma da Serra permaneceu a ser atormentado pela presença assombrosa que não o abandonava, e decidiu mudar de bairro junto a sua esposa, e não andava mais desacompanhado durante a noite.

Após anos de sua primeira aparição, ainda existem relatos que o Fantasma da Serra assombra a mesma esquina, cumprindo sua pontualidade e assustando os habitantes da região.





LOBISOMEM DE CONTAGEM

Região: Sudeste de Contagem



Na década de 1970, o simples e calmo bairro Bernardo Monteiro, onde as noites de Quaresma carregam presságios, teve sua rotina abalada por um acontecimento aterrorizante. Ritinha, uma jovem decidida, ignorou os avisos de sua mãe para que não saísse, naquela noite carregada de ascetismo. Mas, ao retornar sozinha, deparou-se com algo que jamais poderia imaginar: uma criatura bestial. O desespero tomou conta, e a fuga foi frenética. A partir daquele instante, o temor se espalhou. Boatos surgiram e suspeitas recaíram sobre um homem misterioso que nunca era visto fora do período da Quaresma.



A LUA QUE REVELOU O MEDO

Eu era apenas uma criança quando soube desta história. Isso foi logo na semana do acontecimento que gerou um burburinho no bairro.

Dona Benedita era uma senhora viúva, que vivia no bairro Bernardo Monteiro, com Ritinha, uma de suas filhas. Dona Benedita foi uma benzedeira de muita fé e muita força na comunidade. Havia, desde cedo, herdado de sua avó as mais fortíssimas rezas que as benzedeiras sabiam na época.

Mamãe sempre me levava para benzer na casa de dona Benedita, não importava o horário, lá sempre esteve muito cheio de mães que levavam suas filhas para tirar olho gordo, até senhoras e senhores tratando de espinhela caída.

Era fim de semana de Sexta-feira da Paixão quando mamãe me levou para benzer pela primeira vez. Chegando à casa de dona Benedita, Ritinha estava bastante assustada contando o ocorrido das noites anteriores.

Dizia que na véspera de Sexta-feira da Paixão, queria ir ao forró com suas amigas, para encontrar o Zé, o seu flerte da época. Mas a mãe não foi a favor de sua saída naquela noite, e logo protestou:

— É noite de Quaresma, não é bom vocês ficarem na rua depois das 21h! Vão se deparar com coisas que não são boas. Coisas ruins que ficam soltas por aí!

Ela não quis nem ouvir, a única preocupação que tinha era chegar lá e ter seu encontro com Zé. Quando chegou ao forró, ele não estava lá. Não queria ficar ali olhando suas amigas com seus pares e ela sem o dela. De repente, a farra não parecia mais tão boa, e ela logo resolveu voltar para casa sozinha.

Quando Ritinha já estava na rua de casa, escutou um urro estrondoso que parecia de um animal. Olhou para trás procurando de onde poderia ter saído aquele som, mas não encontrou nada. Retomou o seu caminho, até que um vento gélido roçou suas costas. Virou-se devagar — e então o viu: o lobisomem. Ritinha conta que ele era do tamanho de um homem grande, com a cabeça enorme e peluda, sua feição estampava raiva e selvageria. Apavorada, ela começou a correr e gritar.

Ela corria, corria e corria, e ele logo atrás dela!

Na época, as portas de sua casa não possuíam trincos. Então, quando chegavam, precisavam encostar a porta da cozinha e o último a passar tinha que tramelá-la.

No momento em que finalmente conseguiu chegar em casa, entrou empurrando a porta com força, tramelou a tranca com as mãos trêmulas e caiu no chão em completo desespero, gritando por sua mãe. Dona Benedita veio correndo e, quando entrou na cozinha com o coração disparado, sentiu o ar gelado que cortava o ambiente. O basculante da janela estava aberto e, por meio dele, ela pôde ver aquele horror.

À luz fraca da lua, aquela criatura se tornava disforme, de olhos avermelhados e corpo coberto por pelos espessos. Um homem? Um bicho? Um lobisomem gigantesco, arfando, com os olhos cravados na casa.

Se apressou a rezar o credo e todas as rezas que bem sabia desde menina, aquelas fortes, ensinadas para espantar o mal. A criatura, aos poucos, começou a recuar, rosnando baixo, como se as palavras queimasse. Com um último olhar feroz, virou-se e desapareceu na escuridão.

Com o relato de Ritinha, eu e meus pais, assim como muitos moradores, ficamos em alerta, sentíamos medo. Os mais velhos pediam para que os jovens, principalmente meninas, voltassem para casa mais cedo ou que não ficassem na rua até tarde. Ainda mais em noite de lua cheia e véspera de Sexta-feira da Paixão, em que o medo se revela para a cidade e o mal vaga entre nós...



LOIRA DO BONFIM

Região: Noroeste



A capital mineira é marcada por lendas e figuras ilustres. Uma das mais famosas é, com certeza, a Loira do Bonfim: uma mulher-fantasma bela e misteriosa que ronda o imaginário dos belo-horizontinos. Diz a lenda que a loira sempre muito solícita pedia carona aos taxistas que rodavam à noite e seu destino toda vez era o mesmo: o Cemitério do Bonfim, localizado na região Noroeste de Belo Horizonte.



VOU DE TÁXI

Alberto era recém-chegado na cidade de Belo Horizonte. Ouviu dizer pela rádio que a capital mineira estava evoluindo, se industrializando e que lá não faltava emprego, então, decidiu sair do interior e tentar a vida na cidade grande. Assim que chegou, fez alguns bicos, e após algumas semanas começou a trabalhar como taxista.

Desde o primeiro momento ficou encantado com as ruas da cidade e com o movimento do bonde. As luzes e a boemia da noite belo-horizontina, o impressionaram de tal maneira que decidiu rodar com seu táxi pela madrugada, para aproveitar melhor tudo aquilo. Nos primeiros dias, conversou com seus novos colegas para entender como era trabalhar naquele horário. Ouviu muitas histórias, algumas engraçadas e outras horripilantes, porque, como dizem, os taxistas noturnos sabem os segredos mais sombrios dos moradores.

Já na primeira noite, Alberto percebeu que quando algum passageiro dizia que seu destino era o bairro Bonfim, os taxistas ficavam desconfiados e hesitantes. Não podiam recusar, porque precisavam do dinheiro, mas ele sentia um certo receio neles. Não entendia o motivo, o bairro era próximo ao ponto onde ficavam, então seria uma corrida rápida e tranquila. Um dia tomou coragem e perguntou a um de seus companheiros o porquê daquele medo de ir até

o Bonfim. O rapaz, meio nervoso, o respondeu com uma conversa confusa sobre uma tal mulher-fantasma que pedia carona aos taxistas e, ao chegar no Cemitério do Bonfim, a figura misteriosa descia e atravessava as paredes do cemitério, exatamente às 2h da madrugada.

Dias se passaram e, chegando no ponto onde trabalhava todas as noites, Alberto descobriu que um dos taxistas havia falecido de infarto, curiosamente em frente ao mesmo cemitério. Os outros estavam apavorados e tinham certeza de que era coisa da Loira do Bonfim, chegaram a jurar que tinham visto ela entrar no carro do rapaz. Depois disso, alguns deles mudaram de ponto. Alberto, que era cético em relação aos fantasmas, achou ótimo, porque conseguiria mais passageiros.

Na sexta-feira daquela semana o rapaz foi trabalhar animado, sabendo que faria um bom dinheiro. O centro da cidade estava movimentado, o Teatro Municipal lotado, na estreia de uma peça que diziam ser imperdível. Depois de horas, e cansado de tanto dirigir, ele decidiu fazer a última corrida da noite.

Esperou por alguns minutos e uma mulher deslumbrante apareceu na janela de seu carro. Tinha os cabelos loiros e longos, uma voz doce e o olhar hipnotizante. Usava um vestido branco e elegante. Disse que morava perto do centro e estava apavorada, porque já eram quase 2h da manhã e tinha medo de que algo pudesse acontecer a ela. Perguntou se ele poderia levá-la até seu destino, e o rapaz prontamente atendeu.

A moça encantadora sentou-se no banco de trás do carro e Alberto acelerou. Começaram a conversar e a bela mulher disse que se chamava Maria, mas que a maioria das pessoas a chamavam por um apelido que ela não gostava, preferia não dizer. Alberto só conseguia pensar que ela era a mulher mais linda que ele já tinha colocado os olhos. Ficou com vontade de dizer isso a ela, mas era muito tímido, não teve coragem. Andou poucos quarteirões e ela começou a passar as coordenadas.

Em certo momento, Alberto sentiu um cheiro estranho no carro e fechou as janelas pensando que poderia ser de algum córrego por perto. Ele percebeu que a mulher estava diferente, sua voz, quase como um sussurro, ficou mais sombria. Ao olhar pelo espelho, viu que parte de seu belo vestido branco estava sujo com algo que parecia terra, os olhos da moça — antes tão belos e cativantes — ganharam um tom de azul gélido e sua pupila havia sumido completamente. O rapaz sentiu um calafrio, mas estava tarde e ele estava exausto, com certeza estava alucinando de sono. Tentou respirar fundo, mas o cheiro ruim ficava cada vez mais forte. Não conseguia entender o que estava acontecendo até que a moça apontou para um lugar e disse:

— É aqui que fico, pode encostar.

Ao estacionar, o motorista finalmente percebeu que a loira o guiou até o Cemitério do Bonfim, mas ele não conseguia dizer uma palavra, pensou que vomitaria por conta do cheiro. A moça desceu do carro, olhou para ele e, dessa vez, tinha assumido

outra forma. Já não era a mulher mais bela que ele já tinha colocado os olhos, ela agora carregava algo de assustador no olhar, seu vestido estava rasgado e coberto de terra. Alberto sentiu como se algo o seguisse no banco do carro e só pôde ouvir enquanto ela passava um endereço e dizia que ele teria que ir até lá para receber pela corrida. Quando a mulher disse isso, o taxista saiu do transe em que estava e tentou dizer que precisava receber naquele momento, mas ela desapareceu.

O rapaz foi para casa atormentando, sentia um vazio no peito, não entendia o que tinha acabado de acontecer. Se esforçou para dormir, e teve uma noite agitada. Na manhã seguinte, ainda estava atordoado e decidiu ir até o endereço que a moça havia passado, pelo menos precisaria receber pela corrida. Dirigiu com as janelas baixas, os olhos colados no retrovisor, observando o banco vazio na parte de trás.

Chegou no local e se deparou com uma casa imponente. Chamou no portão e um senhor apareceu. Alberto percebeu naquele instante que era o pai da moça, ele tinha o mesmo olhar cativante, mas diferente dos olhos dela, nos dele havia tristeza. O rapaz explicou a situação e disse que precisava do dinheiro, o senhor ouviu tudo com uma expressão de espanto e afirmou com uma voz chorosa:

— Isso que acabou de me contar é impossível, Maria morreu há vinte anos!

Quando estava viva, a Loira do Bonfim foi abandonada por seu amor no altar, no dia do casamento.

Depois de ser deixada, a mulher rodou por dias pelas ruas centrais de Belo Horizonte, usando seu vestido branco, entrando nos bares e discotecas à procura de seu amado. Como não o encontrou, voltou às escadas da igreja que aconteceria a cerimônia e tirou a própria vida. Foi enterrada no Cemitério do Bonfim, mas dizem que nunca aceitou seu trágico fim e até hoje anda atormentada pelas ruas do centro da cidade e nos arredores do cemitério. Sempre na madrugada, ainda com seu vestido branco, seus cabelos loiros e os olhos vidrados em busca de seu amor desaparecido.



MARIA PAPUDA

Região: Centro de Belo Horizonte



No território onde foi construída a cidade de Belo Horizonte havia um arraial, fundado no século XVIII, chamado Curral del Rei. A cidade atual foi projetada e construída para substituir Ouro Preto como a capital de Minas Gerais, essa transferência foi motivada por questões políticas e econômicas. Os antigos moradores foram forçados a se mudar para as bordas da futura cidade, mas uma senhora vulgarmente conhecida como Maria Papuda, por ser portadora da doença do bócio, e ter fama de bruxa, se recusou a sair tendo que ser retirada à força de sua casa onde atualmente está localizado o Palácio da Liberdade, antiga residência oficial e sede do governo de Minas Gerais. Dizem que, ao ser arrancada de sua casa, a mulher amaldiçoou o lugar e os governadores que lá morassem.



NÃO A OUÇA

Sentadas ao redor da fogueira, nós sentíamos o clima desconfortável pairar no ar.

— Alguém sabe o que aconteceu com a Teresa? Ela tá estranha desde aquele dia no palácio — disse Evellyn, abordando o elefante na sala.

— Eu também percebi. Ela parece paranoica. Nem queria vir hoje. Isso deve ser culpa sua, Lyn. Ninguém mandou você ficar assustando a menina. Tadinha, todo mundo sabe que ela é a mais sensível do grupo — comentou Vitória. Nós encaramos Teresa sentada sozinha, perdida em pensamentos, com seu bloco de notas nas mãos.

— Não sei, não... ela pode até ser sensível, mas é a mais cética e racional. Aliás, vocês não me contaram o que rolou naquele dia — disse Anna, irmã mais nova de Vitória.

— Faça as honras, Luna — disse Evellyn, se ajeitando na minha frente e pegando um pote de doce de leite das mãos da Vitória.

Suspirei e comecei a contar.

Era uma terça-feira nublada, daquelas que deixam o ar mais pesado. Estávamos a caminho do Palácio da Liberdade para um trabalho da faculdade. Chegamos por uma das laterais, passando pelas torres antigas que guardavam o silêncio do lugar, até alcançarmos a recepção. Lá, nos aguardava nosso guia: um senhor de expressão calma e traços orientais, que se apresentou como Joel.

O palácio era lindo, mas o silêncio... incômodo.

— Tá sempre assim vazio? — perguntei ao guia.

— Hoje é terça, não é? Dia par. Quase ninguém marca visita nesses dias... dizem que é superstição.

— Superstição? — franzi a testa, sentindo um frio na barriga.

— Ah, nada demais — ele respondeu, desconversando. — Uns boatos antigos... coisa de quem cresceu ouvindo lenda urbana. Esse palácio já foi casa de governador. Tem muita história aqui dentro. E, às vezes, história demais atrai imaginação demais, sabe como é.

— Essas coisas não existem! — retrucou Teresa, entrando na conversa prontamente. — É tudo balela. História pra boi dormir.

Notei que, enquanto falava, Teresa deu uma olhada rápida por cima do ombro. Seus olhos, normalmente firmes, pareciam menos seguros naquele momento.

— Vocês nunca ouviram falar da Maria Papuda? — perguntou Evellyn, me olhando. Sua empolgação apareceu ao perceber que nenhum de nós conhecia a lenda. Evellyn amava essas coisas.

— Dizem que toda cidade tem um fantasma. Por mais jovem que seja, Belo Horizonte não é exceção. Reza a lenda que, no início do século XX, Maria foi retirada à força de sua casa, onde hoje é o Palácio da Liberdade, para que os governadores pudessem morar ali. As más línguas dizem que ela era uma poderosa feiticeira e, ao ver sua casinha sendo destruída, lançou uma praga:

“Aqueles que cruzarem essas portas em anos ou dias pares terão mortes violentas. E qualquer pessoa capaz de ouvir meus lamentos será perseguida até enlouquecer. Assim como ignoraram meus protestos e me tomaram o bem mais precioso, ninguém, nunca mais, terá paz.”

— Funcionários juram que já viram visitantes falando sozinhos, sendo guiados por vozes que ninguém mais ouvia. Outros dizem que é possível ver uma senhora com uma papada grotesca refletida nas janelas — sempre murmurando algo em voz baixa, como se lançasse pragas. — Lyn continuou.

— E o mais assustador? Toda vez que a lenda é contada dentro do Palácio, uma porta bate. Sozinha. Por isso, se um dia você visitar o Palácio da Liberdade, não fique até tarde em dia par. Não se afaste do grupo. E, principalmente: nunca responda se alguém chamar seu nome. E se ouvir sussurros, deve ignorá-los. Porque se você os atender... pode ser ela. E, se for... será tarde demais.

— Que dramático... — disse Teresa, olhando ao redor. — Só faltava uma porta bater agora, né?

Nesse instante, um estalo seco ecoou de um cômodo lateral. Teresa parou de rir e virou o rosto devagar.

— Foi só a madeira... dilatação térmica — disse Joel, encerrando a visita ao andar de cima.

Descemos a escadaria principal, e quando já estávamos seguindo para a saída, Teresa me puxou discretamente para trás. Achei estranho, mas não relutei. Seguimos por um corredor à esquerda, mais

escuro, em direção ao fundo do palácio — uma área onde visitas não eram permitidas.

O som dos nossos sapatos contra o piso parecia mais alto, mais presente. Era como se estivéssemos sendo observadas.

— Boa tarde, senhorita — disse um homem. Estava parado diante de uma porta antiga. Vestia um terno escuro impecável, com um broche dourado no peito.

— Foi mal aí, estávamos procurando o banheiro — falei dando dois passos para trás. Quando me virei, percebi que Teresa havia sumido.

Nesse momento, um baque seco ecoou pelos corredores. Uma porta se fechou com força. Em seguida, um grito.

— Teresa! — corri sem pensar, atravessando a porta de onde veio o som.

O cômodo era escuro e cheirava a mofo. As janelas estavam abertas, mas as cortinas balançavam com força mesmo sem vento.

Teresa estava de joelhos no chão, pálida, tremendo, os olhos arregalados em choque.

— Luna... ela... ela falou comigo... eu entendi...

— Quem?! — me agachei ao seu lado, segurando seus ombros.

E então eu vi. De canto de olho, nos observando da janela, estava ela. A silhueta de uma senhora com o pescoço deformado, olhos fundos. Roupas antigas cobriam seu corpo magro e esguio. A boca se movia, mas nenhum som saía. A ameaça era ensurdecadora.

Quando me virei para ver melhor... não havia nada. Minha mente só podia estar me pregando peças.

— Luna! Teresa! — era Joel, com Evelyn e Vitória atrás dele.

Quando nos encontraram, Teresa estava desorientada. Mal conseguia falar. Joel nos guiou rapidamente até a saída. Seu rosto era sério. Os lábios selados. Nenhuma palavra foi dita no caminho de volta.

— Fim — encerrei, voltando ao presente.

Teresa olhava fixamente para o fogo. De repente, se levantou em pânico.

— Parem! Vocês não entendem! Ela ainda tá aqui! Eu a ouço TODA NOITE! — ela cambaleou na minha direção, chorando, quase tropeçando. Quando se abaixou para me agarrar pelos ombros, o bloco caiu no meu colo. Por reflexo, guardei no bolso.

Tivemos que levá-la embora.

Duas semanas se passaram...

Teresa sumiu. Porta trancada, nenhum sinal de arrombamento. Tudo perfeitamente no lugar. A polícia foi chamada. Causa? Inconclusiva.

Seu bloco de notas ainda estava no bolso da minha blusa, vários rabiscos desconexos, mas um em específico me fez gelar, na última página estava escrito várias vezes:

*não ouça
não preste atenção
não a escute*

Abaixo, um risco de sangue cruzava a folha.

Desde então, quando o silêncio cai... acho que ouço alguém sussurrar meu nome.



MOÇA FANTASMA DA SAVASSI

Região: Serra do Curral, Savassi



No bairro Savassi, durante as décadas de 1930 e 1940, diversas pessoas relataram terem experienciado a aparição de uma mulher pálida como vapor e de cabelos pretos como a noite. Carlos Drummond de Andrade foi o primeiro a registrar a existência desse ser fantasmagórico em seu poema 'Canção da Moça-Fantasma de Belo Horizonte', presente no livro *Sentimento do Mundo* publicado em 1940. Como afirmam os que sobreviveram ao seu encontro e ouviram sussurros de seu nome, a dama da noite invade o ar crepuscular com seu cheiro de jasmim. Ela desce a Serra do Curral em direção ao bairro Savassi em busca de seu amor verdadeiro que nunca foi encontrado enquanto em vida. A Moça Fantasma vaga pelas ruas da madrugada assombrando casais apaixonados.



A DAMA DA NOITE

Cuidado ao voltar tão tarde da noite pela Savassi e de modo algum passe pela Rua do Chumbo se o sol já estiver se escondido na serra. Até ele tem medo do que aquelas montanhas abrigam! Era isso que minha avó dizia todo final de semana quando eu arrumava um tempo do trabalho e da escola para me encontrar com Luís.

Vovó já beirava os noventa anos e todos já estávamos acostumados às suas fugas da lucidez causadas pelos sintomas de Alzheimer. Seus cabelos grisalhos, que ela não gostava de pintar, só não eram menos marcantes que seus brincos azuis em forma de coração. Ela dizia que eram de safira legítima, dados por alguém muito importante de quem agora já esquecera o semblante. Ninguém ousava lhe dizer que os brincos eram bijuterias, mas também nunca haviam tentado comprovar sua veracidade enquanto joia.

E assim vivia, vovó Lúcia, hoje só um reflexo do que fora. Na infância me contava histórias do passado como alguém que frequentava bairros nobres da cidade de Belo Horizonte, e ela corava quando falava das paixões que lá nasciam. Mamãe não gostava disso, tinha muito respeito pelo pai e achava que vovó se machucava muito ao lembrar dessas histórias.

— Para com isso, mãe, é bobagem ficar remoendo passado! Papai ia ficar bravo se visse a senhora contando sobre namoricos de esquina.

— Enjoamento, Patrícia, o que aconteceu, aconteceu, uai!

E lá ia minha mãe, batendo os pés pelo corredor, com raiva, não porque tinha ciúmes pelo pai e sim porque sabia que vovó chorava todas as noites de final de primavera, quando as damas da noite que cresciam no jardim, floresciam e invadiam a casa com seu cheiro típico de início de verão.

Eu sabia que vovó havia perdido um grande amor no passado e que se recusava a contar como acontecera. Odiava a Savassi, não andava por aquelas bandas. Todos imaginavam que ela fora vítima de algum malandro que a encheu de sonhos infundados na adolescência e sumiu pelo mundo sem dar consideração. Foi somente quando a idade começou a alcançá-la que tivemos algum vislumbre da história — ela falava que seu amor foi arrastado pelas ruas por uma mulher de longos cabelos pretos e de pele pálida como vapor, uma Moça Fantasma.

Jurava de pé junto, até chorava, que a Moça Fantasma a havia amaldiçoado para esquecer de seu amor. Gostava muito do poeta Carlos Drummond de Andrade, por isso, mamãe acreditava que aquela história maluca só podia ser devaneios de um poema: “Um perfume/ que não conheço me invade:/ é o cheiro do vosso sono/ quente, doce, enrodilhado [...]” — minha mãe não esquecia o poema, era de um dos livros favoritos de vovó.

Quando foi diagnosticada com Alzheimer, ela constantemente recitava aqueles versos para não

esquecer do que havia acontecido. Imagino que, tornando viva a sua lembrança, ela queria nos alertar e nos proteger.

Chegado o fim de semana, eu mal podia esperar para encontrar Luís. Estávamos namorando há seis meses, eu ansiava pelo seu toque. Ele morava na Savassi, e revezávamos aos fins de semanas para um ir ao encontro do outro. Quando chegava minha vez de ir para a casa dele, eu tinha que sair escondida da vovó. Se soubesse para onde eu iria, ela parava de frente a porta e não saía de lá por nada.

Adorávamos passear pela praça, de mãos dadas, Luís e eu, completamente apaixonados. A tarde ia chegando ao fim, o sol no horizonte se escondia pela longínqua Serra do Curral, e parecia descansar depois dos escaldantes raios de verão. Era época das damas da noite perfumarem o ar, a noite não poderia ser mais bela.

Caminhávamos pela Rua do Chumbo, a falta de pessoas nos passeios me deixava temerosa.

— Luís, não acha melhor a gente voltar pra casa?

— A noite tá tão fresquinha, Gabi, voltar pra casa agora pra quê? Pra assar de calor? — um sorriso malicioso se esboçava no seu rosto — Não vai me dizer que está com medo das histórias de terror da sua vó?

— Tenho medo dos vivos, Luís! — respondi no mesmo tom irônico.

A lua brilhava quando o cheiro das flores se misturou com o ar gelado e uma névoa vaporizada subiu pelo morro. Um calafrio correu pelo meu corpo e eu

me sentia mais que observada. O que quer estivesse naquela neblina conseguia despir-me apenas com os olhos. Quis correr, minhas pernas não obedeciam, algo em mim sabia que aquilo me alcançaria. Tal qual uma presa indefesa, olhei para Luís e ele chorava, não de medo, e sim como se estivesse sendo forçado a chorar.

Antes que me desse conta, algo me empurrou com toda força contra o chão, me deixando sem ar pela queda brusca. Nada pude fazer diante da coisa que se manifestava. Sua aurea etérea só não era deslumbrante pelo seu semblante melancólico e assombroso, o vestido branco rasgado e marcas de pneu que cobriam seu peito e cintura; os cabelos negros corriam até o chão e seus lábios que marcavam um tom invejável de vermelho sangue. Nada disso se comparava aos seus olhos opacos e sem pupila que derramavam rios de lágrimas.

Somente quando levantou sua mão pálida em direção a Luís que me dei conta da realidade. Gritei por socorro, mas minha voz não saía, era como se o tempo estivesse parado para nós e para o espírito. A pele pálida se tornou translúcida, e o que já era espectral, deu lugar a um semblante de raiva e obsessão. Luís chorava e foi quando se recusou a devolver o toque que a fantasma lhe havia dado, que ela, em um piscar de olhos, o arrastou morro abaixo.

Pude me levantar em tempo de ver Luís desaparecer na névoa rumo à serra; a última coisa que vi foram os longos cabelos negros da fantasma cobrindo-o, ele entrelaçado aos braços dela, agora comple-

tamente desprovida da pele pálida, revelando seu esqueleto apodrecido. Tão rapidamente surgiu e desapareceu, emitindo um grito sofrido, ardido como uma vítima de atropelamento.

Corri até a polícia, depois fui para casa, de lá para o médico, por fim ao psicólogo. Vovó Lúcia não falara nada, como se compadecesse com minha dor de algum modo. Nunca acharam corpo ou qualquer pista, era como se Luís realmente tivesse sumido no ar, foi exatamente o que aconteceu. Não acreditavam em mim, achavam que eu estava com medo das histórias de vovó.

Vovó morreu uma semana depois e não havia mais ninguém com quem pudesse sequer ter uma conversa sobre o ocorrido. A polícia deu o caso por encerrado depois de alguns meses por falta de provas. Afinal, não era importante, muitos homens sumiam por aquelas bandas e Luís era só mais um. Já não conseguia achar paz em lugar algum, até em meus sonhos a Dama da Noite me visitava, com seu olhar sádico. Ela me assustava com portas batendo, vultos e o tremular das cortinas.

Agora, trancada em meu quarto, olhando para janela, me pego rezando desesperadamente para a Moça Fantasma me carregar em seus braços, e me leve para onde estiver o meu amor.

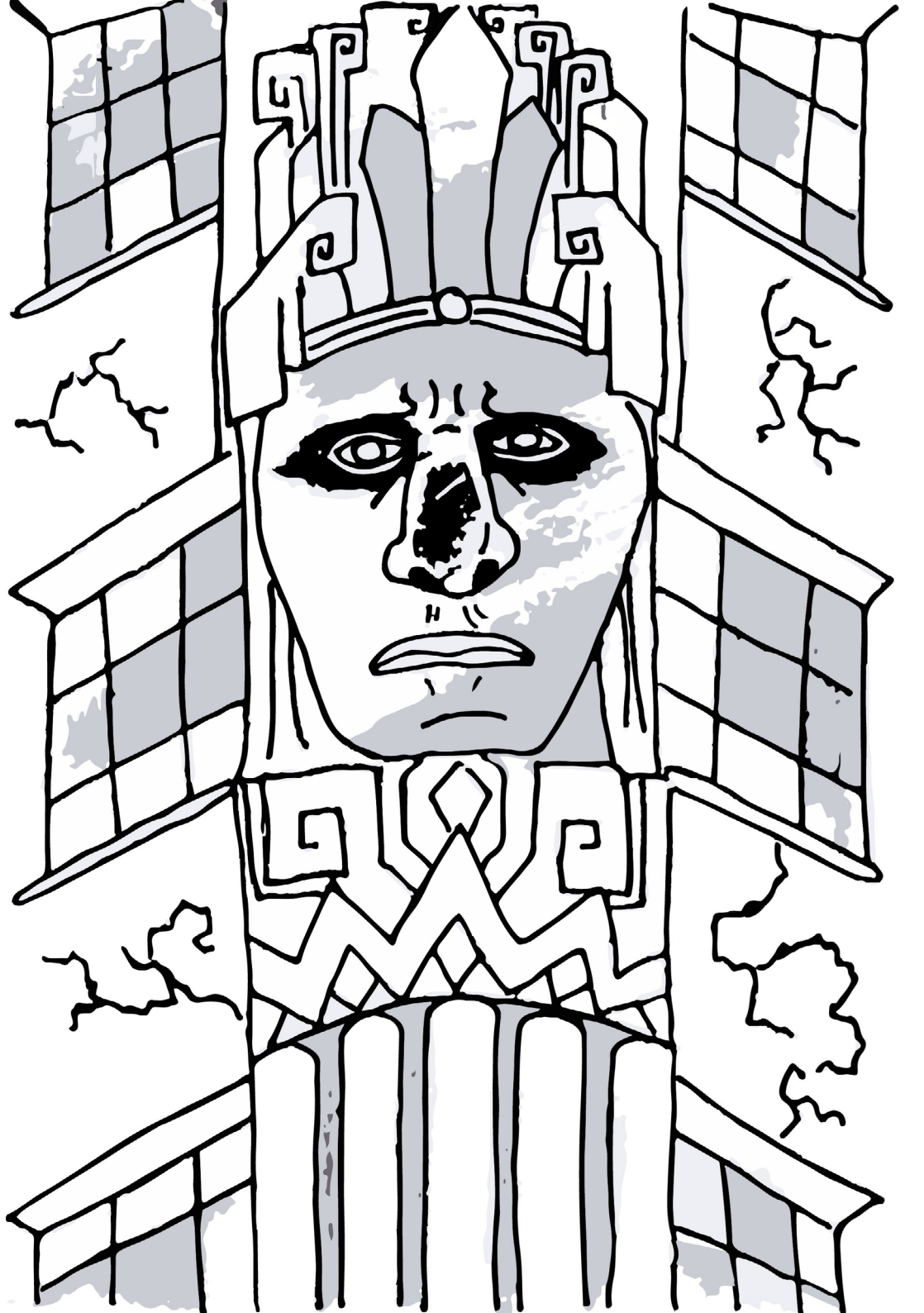


O VIGIA DO ACAIACA

Região: Centro



Um dos maiores e mais robustos prédios da região central de Belo Horizonte. Pode passar despercebido aos olhares apressados e desatentos dos transeuntes. Mas a verdade é que, desde 1940, ele marca sua presença com dois rostos enormes, feitos de concreto, que observam, julgadores, o centro da cidade. Por oito décadas esses grandes olhos veem o que acontece na região. O que te faz olhar para cima e se sentir incomodado com os grandes rostos que observam, impassíveis? Uma jornalista investigativa decide ouvir um antigo trabalhador do prédio em busca de algumas respostas.



OS OLHOS DE CEDRO

Dizem que enlouqueceu. Pessoalmente, eu acho que a loucura é mais complicada de se alcançar. Não costumo ficar com as mais populares e melhores entrevistas, mas com certeza fico com as mais interessantes. Ou estranhas. Difícil diferenciar, a verdade é que me dou bem com os instáveis, gosto de ouvi-los, e na maioria das vezes, é o trabalho que sobra para fazer.

O edifício Acaiaca tem ganhado popularidade recentemente — entre matérias contando sua história, exaltando sua imponência e convites para o terraço, surgiu a história de um homem que trabalhava como vigia noturno do prédio e que começou a adoecer mentalmente. Esse não é o tipo de história que sai nos jornais num momento como esse, mas ainda assim, achei que seria interessante ouvi-lo e entender o que havia ocorrido. Minha primeira hipótese era a de que ele adoeceu por causa do trabalho, chefe abusivo ou jornadas extensivas. Estava enganada. Assim que comecei a falar com o senhor, percebi que era pior. Quando entrei em seu quarto na clínica que havia sido internado, estranhei muito o que vi. Esperava ver alguém de aparência mirrada e frágil. O que vi, na verdade, foi um homem jovem, bem apessoado e muito forte, é claro, ele era um guarda noturno, mas pelos boatos que ouvi sobre sua saúde mental, imaginei que estaria em outro estado. Simpático, respondeu tudo o que perguntei sobre as condições de

trabalho. Contou que recebia um bom salário e era bem tratado. Assim que perguntei como era trabalhar no edifício à noite, ele se transformou. Seu olhar se perdeu e uma névoa estranha surgiu diante de seu rosto. Liguei o gravador no meio do que ele falava.

— ... mas eu não costumava ficar com medo não.

— Entendo, mas o senhor conhecia alguém que realmente ouvia ou que já tivesse chegado a ver alguma coisa?

— Um senhor que trabalhava antes de mim... ele me contou que ouvia um barulho de corrente passando e o choro de alguém que saía de dentro das paredes.

— Você chegou a ouvir algo assim?

— Não, não ouvia antes... — ele fez uma pausa longa, parecia decidir com cuidado as palavras que deveria usar. Seu rosto só ficou mais sombrio quando ele disse:

— Antes da moça sofrer aquele acidente.

Ele se recusou a falar mais sobre o tal acidente. Disse que não estava autorizado a comentar, pois precisou testemunhar para a polícia sobre e tinha medo que contar sobre o causasse problemas. Pesquisando mais tarde, descobri que alguém se acidentou feio na avenida em frente ao prédio e ele havia testemunhado tudo. Do impacto do corpo no chão à fuga do carro. Em respeito e para protegê-lo, suprimi esse trecho da gravação.

— E o que aconteceu com você depois? Como ficou com tudo isso?

— Depois eu comecei a ficar perturbado, parecia que tinha algo sempre me observando. E então, uma noite, que ficou estranho. Foi como se eu tivesse desmaiado e alguma coisa entrou na minha cabeça.

Por um momento, ele ficou muito confuso, o seu olhar passou de sombrio para assustado. Depois para sombrio de novo. Mas algo nele mudou, parecia que tinha se transformado em outra pessoa. Na gravação, é possível perceber como a voz dele muda, o tom se torna mais irônico e sério.

Eu estava decidida a sair dali e dar descanso ao homem, foi quando ele me perguntou:

— O que você quer saber, hein? — A voz totalmente transformada, pareciam até que eram duas. — Quer saber tudo que sei sobre o prédio? Eu posso contar.

Estava tão assustada que não respondi, apenas acenei com a cabeça. Fiquei totalmente petrificada, não sabia como reagir. Um misto de medo e curiosidade não me deixavam sair dali. Então ele começou o seguinte monólogo que gravei.

Não, não. O Acaiaca não foi construído em cima de um cemitério indígena. Na verdade, o que havia aqui era uma igreja metodista. Antes disso era Curral Del-Rey — e mais anteriormente, na história, quem sabe, deveria ser um espaço vazio. Afinal, não é todo esse país um cemitério indígena? Não é preciso um

motivo místico e cheio de segredos para o mal se instalar. Ele está por aí, faz de sua casa os lugares em que as ações humanas o chamam.

O nome, “Acaiaca”, esse sim tem a ver com indígenas. Deriva de uma história que conta sobre um tronco de cedro tão alto e robusto, que durante a cheia do rio Jequitinhonha foi capaz de proteger um casal da inundação, salvando, assim, uma tribo indígena que seria liquidada pela cheia da completa extinção: Acaiaca. Simbólico, não? E digo mais: foi construído durante a Segunda Guerra Mundial; um prédio tão alto, robusto e dotado de um bunker, capaz de salvar uma cidade dos ataques aéreos.

Um prédio no centro da cidade, onde tudo acontece. Já imaginou quanta energia e sentimentos circulam entre as ruas daqui? Êxtase, felicidade, empolgação — a verdade é que tem muito mais raiva, desgosto e exaustão. Aqui, onde a cidade acontece e todos trabalham, ocorre tudo aquilo que passa pelos olhos de todos, mas não é visto por ninguém. Aquilo que é humano é visível e está por aí, mas e tudo que acontece num plano em que nem todos podem ver? Nós vemos.

Esta história começou em 1946. Numa manhã tipicamente abafada e quente de dezembro — dirão os noticiários. A verdade é que a maioria desses começos se dão na noite. Em uma madrugada nas dependências do Parque Municipal, um homem foi brutalmente assassinado com vinte e oito facadas. Seu algoz? Jamais foi descoberto. É preciso muito

ódio para tirar a vida de um outro ser humano. Esfaquear um outro ser humano vinte e oito vezes é escolher tirar a sua vida por vinte e oito vezes. O sangue derramado em um lugar deixa uma marca quase que irreparável. O sensacionalismo pelo qual o assunto foi tratado na época quase não permitiu que esse sangue secasse. De alguma forma, a raiva e a maldade desse assassinato despertou também nossos olhos.

Ficou mais forte na década de sessenta.

Histórias perversas se manifestam pela maldade humana. Aqui não foi diferente. Não é segredo para ninguém o que houve no Brasil nos anos sessenta, não é? Dentro das grossas paredes do Acaiaca, deu-se o princípio de uma das células políticas que arquitetaram o Golpe. Quanta maldade existe no planejamento de um Golpe de Estado que prevê, desde o início, um banho de sangue? A alguns quarteirões daqui, funcionava uma sede do DOPS, e quem sabe que tipo de utilidade eles encontrariam para um bunker inteiro, quase que completamente desconhecido pelos habitantes da cidade. Talvez, e nunca afirmo nada, pessoas e coisas tenham entrado e jamais saído.

A única coisa que uma má energia, um mau agouro, uma má pessoa são capazes de fazer é chamar ou causar ainda mais mal. Num ambiente cheio de tensões ocultas, as tensões do dia a dia se tornam mais nocivas. Nas salas comerciais as coisas podem ser bem mais veladas, mas ainda capazes

de deixar marcas. Uma injustiça aqui, um abuso de autoridade ali, funcionários cansados e desesperançosos... Entre tentativas e desenlaces, o terraço do prédio, hoje ponto turístico, esteve fechado por muitos anos, especialmente entre os anos oitenta e noventa. O confisco das poupanças causou uma série dessas ocorrências aqui e em outros prédios do centro da cidade. Os nomes e as manchas de sangue desaparecem, mas os pensamentos confusos e os olhares perdidos ainda vagam por aí — procurando desesperadamente por uma saída — tudo isso, você, leitor, quando atravessa apressado entre Espírito Santo e Tamoios, não vê — mas nós ainda vemos.

Não sabemos o que nos trouxe até aqui. Não somos nem bons, nem maus. Não protegemos vocês, nem impedimos que o mal aconteça, não somos amuletos da sorte. Somos observadores atentos. Algo foi capaz de penetrar tão profundamente o concreto de nossos rostos que agora existimos como olhos e ouvidos dessa cidade. O que aconteceu no passado continua refletindo suas consequências no presente, como a erosão nas rochas causadas pelas ondas do mar. Guardamos as marcas, as lembranças e o tempo, que para nós, não é linear.

Eu ainda estava completamente paralisada na cadeira. Não consegui fazer nenhuma pergunta, nem ao menos emitir um ruído. O tempo todo o olhar do homem

ficou perdido e a sua voz se manteve completamente diferente do que era no começo. Algumas vezes, falava como se fossem dois. Eu queria sair correndo, assustada, chamar alguém, mas não consegui. Parecia que havia alguma força que não me deixava sair. De repente, seus olhos, antes perdidos, se voltaram na minha direção. Olhou profundamente para mim e disse:

— Então, da próxima vez em que você estiver andando pelo centro de Belo Horizonte e se pegar olhando despretensiosamente para cima, talvez sinta a súbita sensação de estar sendo observada... Lembre-se: os olhos estão ali, impassíveis — dessa vez, a voz dele realmente soou como duas, é possível ouvir perfeitamente na gravação. — E nós realmente observamos você.

Depois, tudo o que aconteceu foi estranho, o homem voltou a si. Curiosamente, seu rosto estava mais leve. Ele, educadamente, me pediu para ir embora. Disse que estava exausto e queria descansar. Eu agradei a entrevista. Ainda petrificada, me levantei e fui embora, sem ser capaz de perguntar mais nada. Fiquei por dias num estado contínuo de dissociação, meu corpo estava, mas a minha mente não. Hoje, quando eu escrevo, fazem três meses desde a entrevista. Demorei todo esse tempo para ter coragem de ouvir novamente a gravação. Recebi a notícia de que o homem estava bem, havia recebido alta da clínica e estava seguindo a vida normalmente. A notícia me deu coragem para ouvir a gravação. Por algum tempo pensei que havia imaginado toda essa história.

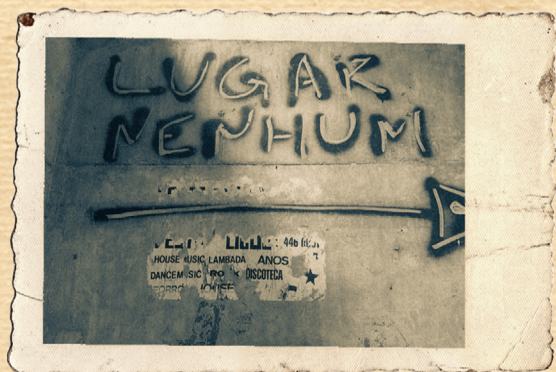
Costumo manter-me cética, mas a verdade é que eu ainda sinto calafrios toda vez que preciso passar perto do edifício, me sinto observada. Sempre evito olhar para cima e sinto que se olhasse para aqueles rostos, veria o mesmo olhar que vi naquele homem.



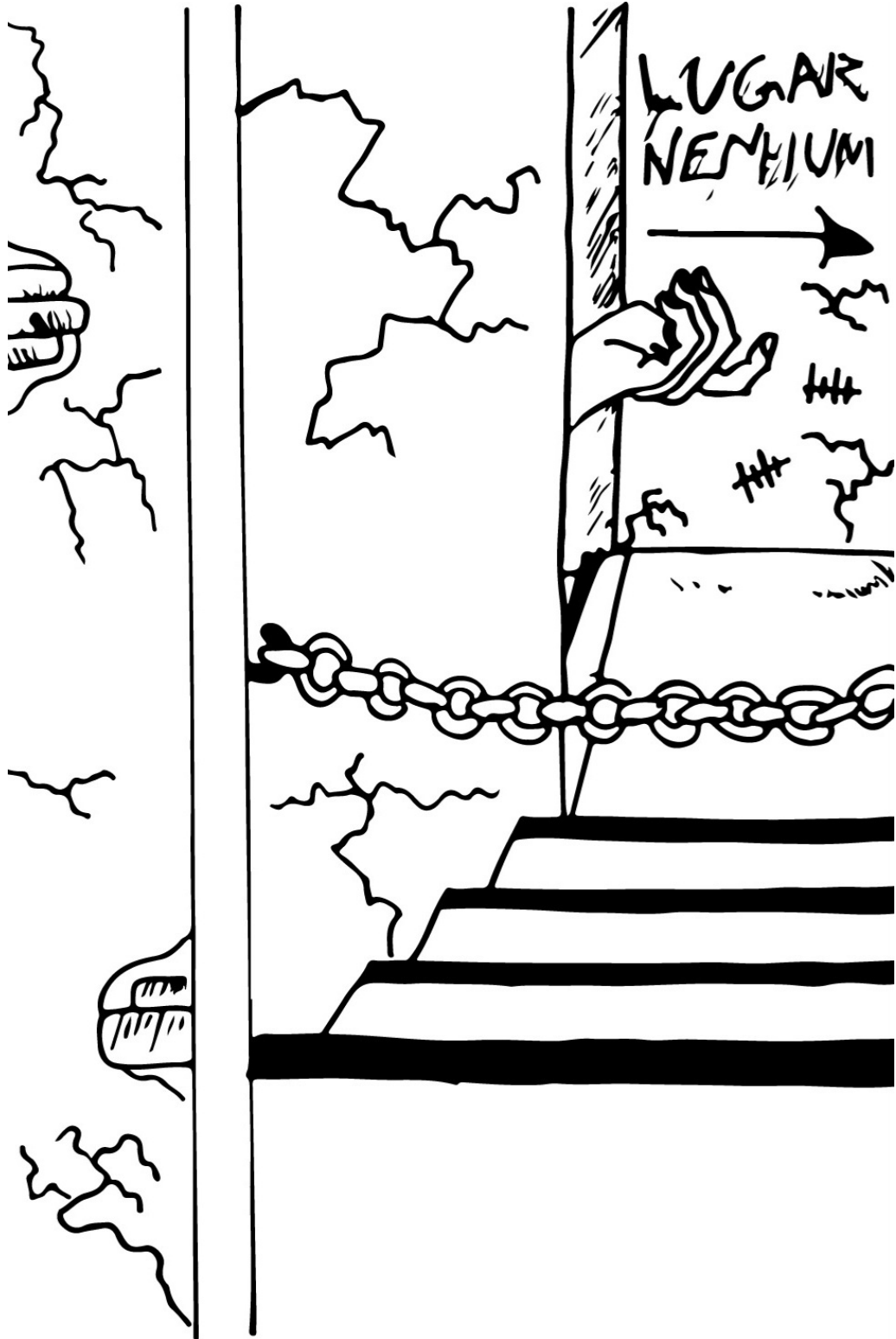


UFMG E A ESCADA DE LUGAR NENHUM

Região: Pampulha



A Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais é um dos prédios mais antigos do *campus*. Sua arquitetura foi planejada para se fundir com a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, resultando em um complexo de corredores intermináveis que podem te levar para qualquer lugar, ou até mesmo para lugar nenhum. Uma jovem veterana, prestes a se formar, se vê diante de uma escada sem saída, somente mais um local dentro desse labirinto de salas e armários. Tomada por uma força além de sua compreensão, ela é arrastada para esses degraus com uma única certeza: o que quer que esteja do outro lado, não pertence ao nosso mundo.



A Faculdade de Letras é um labirinto. Infinitos corredores que se entrelaçam e levam para qualquer lugar, menos para onde você precisa ir. As várias salas de aulas têm portas coloridas, a fim de ajudar os alunos a se orientarem pelo prédio. Um esforço falho, eu diria. Ao menos tornam o lugar um pouco mais bonito. Ainda assim, os longos caminhos de concreto têm seu charme, seja nas luzes tremulantes, ou no barulho que fazem quando o vento atravessa pelas paredes durante a noite. Aquele lugar zomba dos estudantes desavisados, como se escondesse algo sombrio nas entranhas de seus tijolos.

Eu era veterana do curso de Letras, já havia me acostumado com aqueles corredores traiçoeiros. Difícilmente me perdia. Quando acontecia, sempre tinha um amigo ou conhecido por perto. Caminhava para o fim da graduação, minha colação de grau estava marcada para dezembro daquele ano, e confesso que a saudade começava a me invadir. As longas noites viradas fazendo tarefas, os muitos fios de cabelo perdidos no ralo do banho devido ao estresse com o TCC, as festas com as pessoas que pretendia levar para vida, agora surgiam como lembranças misturadas à nostalgia. Queria me formar, mas algo no meu interior desejava que isso nunca acabasse.

Dizem para tomar cuidado com aquilo que se deseja, mesmo que seja um desejo inibido. Pensa-

mentos têm poder, assim como as palavras. Discurso batido, porém, bastante verdadeiro.

Era sexta-feira à noite, e quase não tinha ninguém pelos corredores. Andava despretensiosamente pelo terceiro andar do prédio, odiava pegar o elevador. Os únicos dispostos a ter aula antes do fim de semana eram aqueles que, assim como eu, precisavam de alguma matéria específica para fechar a integralização. Por azar, a disciplina só conseguia ser ofertada às sextas.

Paciência tem limite, e a minha se esgotava quando o relógio batia 21h. Sair mais cedo da aula significava se deparar com os corredores mais vazios, praticamente desertos. Segui em direção ao térreo, tinha costume de pegar a escada que ligava à biblioteca, no segundo andar, porém algo me chamou a atenção. Um sussurro. Quase como um assovio vindo da direção oposta à minha. Pensei ser algum amigo pregando uma peça, então caminhei rumo ao som.

O clima do ambiente estava estranho, frio demais para um início de verão em Belo Horizonte. O sussurro ecoou novamente. Olhei ao redor e não vi ninguém. O silêncio era ensurdecador. Esfriava cada vez mais, pensei em dar meia volta, mas minha curiosidade gritava alto. Meus passos e o assovio eram os únicos barulhos que se escutavam, nem mesmo o vento se atrevia a zumbir, como se escondesse de alguma coisa logo à frente. Parei. O assovio havia me levado para uma escadaria que descia em direção ao segundo andar. Ele continuava no fim daqueles degraus.

Já tinha visto aquele lugar, uma escada sem saída, com uma corrente bem no seu início, para evitar que os estudantes entrassem. Pela minha cabeça passou o pensamento de ir embora. Afinal, não é muito esperto seguir um possível desconhecido rumo a um beco sem escapatória de um prédio quase vazio. Meus pés não me obedeciam. De repente, o lugar se destoou completamente da realidade, se tornou apático e sem cor. O frio era tanto que podia ver o vapor saindo da minha respiração. O sussurro parou e algo invadiu minha cabeça. Eu não era mais eu. Assistia desesperada e sem poder fazer nada enquanto meu corpo ignorava a corrente e se movia sozinho em direção aos degraus.

Relutei o quanto pude. Inútil.

Parecia estar em um daqueles sonhos conscientes em que não se tem força para mover um músculo. Uma paralisia. Não conseguia sequer falar ou gritar por ajuda. Estava diante do fim da escada. O que era para ser apenas uma parede de concreto, havia se tornado uma porta, e ao lado, uma pichação se destacava: Lugar Nenhum. Para onde levaria aquela porta? Talvez para a biblioteca? Nenhuma luz irradiava através de suas frestas.

A porta se abriu lentamente. O ranger foi quase uma sinfonia, comparado ao silêncio. Ela se manteve entreaberta, uma mão se estendeu através da escuridão em minha direção. Tentei recusar o chamado, mas meu corpo não era mais meu. A mão me agarrou e me vi arrastada em direção a um breu sem fim.

Acordei no meio do corredor. Não sabia quanto tempo havia se passado, apenas que ainda era noite. Teria desmaiado e sonhado com tudo aquilo? Foi real demais para ser apenas um sonho. O medo me invadia, eu queria sair dali o mais rápido possível. Segui em direção ao segundo andar, dessa vez pelas escadas de costume. Me deparei com a biblioteca fechada, com cartazes de greve em suas portas. Estranho, não me lembrava de nenhuma greve recente, a não ser a que ocorreu quatro anos atrás, bem quando comecei o curso. Fui em direção ao porteiro, era bom ter outra pessoa ali comigo. Não era o mesmo porteiro de quando cheguei hoje mais cedo. Quando teriam trocado? Chamei por ele.

Nada poderia me preparar para a cena de quando ele virou seu dorso em minha direção. Seu rosto estava desfigurado, seus olhos no lugar da boca, sua boca no lugar dos olhos. Orelhas invertidas e sem nariz. Ele falou comigo, mas não entendi nada, era como se ele estivesse falando de trás para frente. Foi então que o reconheci, era o porteiro do meu primeiro período na faculdade. Impossível, ele havia se aposentado. Puxei meu celular, a tela riscada e falhando revela a data. Eu estava no passado, quatro anos atrás.

Mas não era o meu passado.

Entrei em pânico, pensei em correr. O prédio ao meu redor rangia, o vento zumbia em tom de deboche. Aquele lugar sabia da minha presença, e não gostava dela. O porteiro não se mexia, não conseguia entender

a expressão — ou a falta dela — em seu rosto. Corri desesperada de volta ao terceiro andar, na esperança de tentar achar aquela escada novamente. Se ela me trouxe para cá, também me levaria de volta. Os longos corredores me esgotavam e nas sombras me sentia observada. Risos, cochichos, sussurros. Seriam fragmentos do passado ou outra coisa? Não interessava.

Não a encontrei. Perdi a noção do tempo enquanto corria. Não me atrevia a pisar fora do prédio, tinha medo do que se mantinha escondido naquelas matas. Ao longe, as luzes dos postes piscavam psicodelicamente. Senti náuseas. Quis chorar. Desejava o passado, mas não daquele jeito. Não sozinha. Ouvi me chamarem: o sussurro novamente. Segui-o, afinal, era minha única e última esperança. Ele me levou de volta para a escada, estava sem a corrente. Atravessei a porta em direção à escuridão. Dessa vez, não estenderam uma mão para mim.

Acordei aos prantos, amparada por um dos porteiros. Olhei para o rosto dele. Normal. Contei o que havia acontecido, ele não acreditou em mim. Tentei provar levando-o até a escada, mas ela não estava mais lá. O porteiro ria enquanto dizia que eu precisava de uma desculpa melhor quando faltasse o segundo horário. Não consegui dizer uma palavra sequer.

Me formei um mês depois. Para os desavisados que se arriscarem por aqueles corredores, tomem cuidado com a Escada de Lugar Nenhum. Às vezes, ela aparece apenas com uma parede, e às vezes nem aparece de fato. Move de lugar. Porém, ela sempre

terá uma corrente impedindo de entrar. Não se engane, não foram os guardas ou os porteiros que colocaram ela lá. Foram Eles. O proibido sempre chama atenção. Se escutar um sussurro e sentir o vento parar, corra o mais rápido que puder. Alguns não tiveram a mesma sorte que eu e ainda vagam entre as sombras desse prédio.

TESTEMUNHAS



ALICIA LUIZA é apaixonada por crimes reais passeando no mundo sobrenatural das lendas urbanas. Com uma dúvida genuína: seriam os fantasmas das lendas os serial killers do mundo sobrenatural?



AMANDA CARVALHO nasceu em uma cidade tranquila no interior de Minas Gerais, mas é belo-horizontina de coração. É completamente apaixonada por colocar livros no mundo.



ANA CAROLINA GUEDES estuda Publicidade e Letras — Edição, vive entre briefings e páginas de livro. Criativa e cheia de ideias mirabolantes, ama a cor roxa, Stranger Things e boas histórias.



ERICK FERREIRA pesquisa obras censuradas na Ditadura Militar brasileira, e escreve poesias nas horas vagas. Atualmente é assombrado pelo TCC, uma reedição de uma obra censurada em 1966.

TESTEMUNHAS



IZABELLY SILVA DUQUE é revisora e diagramadora. Ama livros, cinema, viajar, se aventurar na cozinha e tempo de qualidade com família e amigos.



JENNIFER SOARES MAXIMO é amante de uma boa história de terror, vive entre páginas, playlists e paixões literárias. Mistura drama e doçura como quem ouve Billie Eilish e assiste Frozen sorrindo.

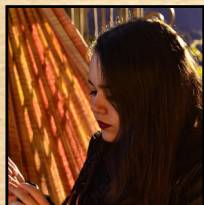


JOÃO GABRIEL nasceu na calmaria do interior e escolheu se mudar para a correria da cidade grande. Adorador de livros, desenhos e Taylor Swift. É ilustrador deste livro e às vezes tem medo de que suas criações possam ganhar vida.

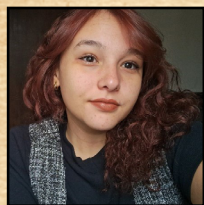


LETÍCIA JALLAIS é uma paulista que se mudou para Minas Gerais para realizar o sonho de estudar livros. Gosta de café, bons livros e compartilhar histórias engraçadas com quem ama.

TESTEMUNHAS



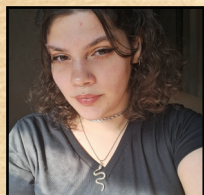
LUANA MALACHIAS ROCHA é estudante de Letras. Ama música, piadas ruins, torta de limão e espera ter uma carreira de sucesso o suficiente para alimentar seus três gatos (e meio) e seu vício por literatura.



MARINA LEROY gosta de dizer que seu negócio é escrever uns trem e editar uns texto . Entusiasta da autoficção, de Lygia Fagundes Telles e de dar uma piscadela pro leitor com um travessão bem colocado.



SARA MESQUITA DE REZENDE é graduanda em Letras na UFMG e nasceu e cresceu na grande Belo Horizonte. É completamente extasiada por arte, boas viagens, fotografias e ótimas histórias.



VITÓRIA TEIXEIRA está no seu último ano da graduação, trabalha com revisão e como professora particular. Apaixonada por livros, música, design e pelo desconhecido, escolheu a edição porque gosta de como o ofício representa um ponto no meio do caminho.

S964

Sussueros do horizonte / organização: Letícia Santana Gomes;
ilustração: João Gabriel P. Gomes. – Belo Horizonte : Faculdade
de Letras da UFMG, 2025.
128 p. : il., fots., color., p&b. – (Viva Voz)

Vários autores.

Inclui referências.

ISBN: 978-85-7758-386-7 (digital)

ISBN: 978-85-7758-387-4 (impresso)

1. Folclore urbano – Belo Horizonte (MG). 2. Lendas. 3. Cultura popular – Brasil. 4. Contos brasileiros. I. Gomes, Letícia Santana. II. Gomes, João Gabriel P. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título. V. Série.

CDD : 398.0981



Neste livro, foram consultadas as seguintes **obras**:

CURRAL DEL REY. *Detalhe de tipografia impressa em máquina manual*. [Foto]. Instagram.
<https://www.instagram.com/p/C9TAbsCO7vu/>.

SANTANA, Luiz. *Serra do Rola-Moça. Vista da Serra do Rola-Moça*.
<https://www.almg.gov.br/comunicacao/fotos/album/?id=19574>.

SANTOS, Daniel Luiz. *Serra do Rola Moça — uma lenda mineira*.
Recanto das Letras, 2023.
<https://www.recantodasletras.com.br/cordel/7654421>.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

ANDRADE, Mário de. *Clã do Jabuti*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & C., 1927.



Também foram consultadas **imagens**
das seguintes páginas:

- © Acervo Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte
- © Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto
- © Anuário Estatístico de Belo Horizonte
- © Fundação Municipal de Cultura
- © Luiz Santana / ALMG
- © Quadras Vilarinho Blogspot
- © Revista Encontro
- © Rede Minas
- © Wikimedia.org



Este livro foi produzido no inverno de 2025,
entre suspiros, visitas de morcegos,
uma sexta-feira 13 e outras manifestações
inexplicáveis das noites belo-horizontinas.
Escrito por estudantes que insistem em ouvir
vozes antigas e escrever o que não devia ser
lido à meia-noite.



*Descubra os mistérios
que rondam a Grande BH*